

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

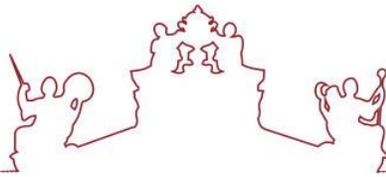
Dissertação

Espelho meu, espelho meu, quem é mais Psicólogo do que eu? Um estudo sobre a influência do estágio curricular na Identidade Profissional em estudantes de Psicologia

Andreia Alexandra Dias Gaspar

Orientador(es) | Constança Biscaia

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

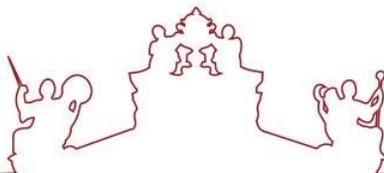
Espelho meu, espelho meu, quem é mais Psicólogo do que eu? Um estudo sobre a influência do estágio curricular na Identidade Profissional em estudantes de Psicologia

Andreia Alexandra Dias Gaspar

Orientador(es) | Constança Biscaia

Évora 2023





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Nuno Rebelo dos Santos (Universidade de Évora)

Vogais | Constança Biscaia (Universidade de Évora) (Orientador)
Madalena Melo (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2023



Agradecimentos

Primeiramente, agradecer à instituição que me acolheu desde 2017. Que me permitiu crescer, amadurecer e fazer ter lugar no tão ambicionado futuro profissional. É através dos seus tetos protetores que o sonho da menina da biblioteca, que foliava os livros de Fernando Pessoa, pode hoje dizer que valeu a pena. E tudo porque a alma nunca foi pequena.

À professora Constança, pela sua exigência, cooperação, experiência e paciência. Não só de trabalho árduo se fez a presente dissertação. Mas de palavras sábias, que se fizeram ouvir ao longo destes meses. Nos momentos certos, respeitando que do outro lado havia sempre alguém na ânsia de querer fazer mais.

À minha família. Ao meu pai, ao meu mestre do saber aprender. Ao meu porto seguro, mesmo que a sua âncora hoje more nos céus. Ensinou-me que mesmo do avesso se vive, esboçando um sorriso de lágrima no chão. À minha mãe, que faz dos seus braços aço, para que as paredes do meu mundo sejam fortes o suficiente para enfrentar a realidade. Às minhas irmãs, que são a alegria e juvenildade de quem procura sempre o pote de ouro no fim do arco-íris. À minha tia e padrinho, que são o trampolim para poder ver as estrelas, para lá das nuvens baixas e escuras.

Aos meus amigos, por serem o comprimido natural de dias em que a única coisa que se ouve, é o zumbido de uma dor de cabeça. Por serem colo e abraço quente que suporta a angústia e o estigma de quem não acredita em si.

Espelho meu, espelho meu, quem é mais Psicólogo do que eu? Um estudo sobre a influência do estágio curricular na Identidade Profissional nos estudantes de Psicologia

Resumo

O estágio curricular é um período de tempo fundamental na aquisição e estabelecimento de novas e importantes competências na formação de um futuro psicólogo. Deste modo, esta dissertação pretende compreender a influência do estágio curricular na construção da identidade profissional de um futuro psicólogo, através da entrevista a 8 estudantes que finalizaram este ano o estágio curricular, e integram o mestrado de Psicologia Clínica na Universidade de Évora. A amostra compreende idades entre os 22 e os 43 anos, todos do sexo feminino. Através da mesma foi possível concluir a importância do estágio curricular no desmistificar da prática e da representação do psicólogo, o amadurecimento do estagiário em níveis pessoais e profissionais, e um crescimento nas suas competências profissionais.

Palavras-chave

Identidade Profissional, Estágio Curricular, Psicologia.

Mirror, mirror on the wall, who is the best psychologist of them all? A study on the influence of the curricular intership on the Professional Identity of the Psychology students

Abstract

The curricular internship is a key period of time in the acquisition and establishment of new and important skills in the training of a future psychologist. Thus, this dissertation aims to understand the influence of the curricular internship in the construction of the professional identity of a future psychologist, through the interview of 8 students who finished this year the curricular internship, and integrate the master in Clinical Psychology at the University of Évora. The sample is composed by 22 to 43 years old, all of them female. Through the interview, it was possible to conclude the importance of the curricular internship in demystifying the practice and the representation of the psychologist, the maturation of the intern at personal and professional levels, and a growth in their professional skills.

Keywords

Professional Identity, Curricular Internship, Psychology.

Índice

1. Introdução	1
2. Capítulo 1 - Estágio	5
2.1. Experiência do estágio	5
2.2. Experiências de estágio em Psicologia	10
2.3. Supervisão.....	12
3. Capítulo 2 –Identidade Profissional.....	14
3.1. Identidade Profissional.....	14
3.2. Identidade profissional em Psicologia	20
4. Método	26
4.1. Objetivo e questões de investigação	26
4.2. Participantes e Método.....	26
5. Análise e Discussão dos resultados.....	31
5. 1. Preocupações/Expetativas anteriores ao início do estágio	31
5.2. Dificuldades vividas durante o estágio	35
5.3.Aquisição de estratégias.....	40
5.4. Ganhos resultantes do estágio	45
6. Considerações Finais	52
Referências.....	56

Índice dos Anexos

Anexos

Anexo A. Mapas.....	63
Anexo B. Guião de entrevista.....	65
Anexo C. Consentimento informado.....	66
Anexo D. Tabela que apresenta a transição de códigos para temas.....	67

“One day, in retrospect, the years of struggle will strike you as the most beautiful”

- Sigmund Freud

1. Introdução

Durante 4 anos académicos (três anos referentes à licenciatura de psicologia e o primeiro ano, já no âmbito do mestrado) os estudantes de Psicologia percorrem os caminhos pelos inúmeros campos da literatura e teoria, desenvolvendo inúmeras competências necessárias para a sua prática, para o seu intelecto, crescendo não só a nível teórico e profissional, como a nível pessoal. Este tempo rico em aprendizagens, advindo da experiência universitária, instrui os discentes numa autodescoberta de inúmeros campos pessoais e sociais.

O percurso académico de um psicólogo compreende uma licenciatura e um mestrado, de três e dois anos, respetivamente. Incluído no último ano de mestrado, encontra-se a primeira experiência de prática profissional, isto é, o estágio académico, e a realização da dissertação. Posteriormente, os profissionais da área de psicologia realizam um estágio profissional.

Durante todo o percurso académico várias são as opiniões e expectativas desenvolvidas ao longo do tempo sobre o ambicionado estágio curricular. As aulas que ocorrem dentro do percurso normativo académico são um ótimo impulsionador para o desenvolvimento da representação do que poderá advir do período que remete para o estágio (Oliveira-Monteiro & Nunes, 2008; Dell Prette, Dell Prette & Meyer, 2007). Noutra vertente, os possíveis relatos visuais disponíveis na Internet ou da experiência de outros profissionais, são outros exemplos que ajudam ao discente construir uma representação do exercício profissional. É de acrescentar ainda, também a sua história de vida, o contexto, a família e amigos, como outros exemplos influenciadores desta mesma representação (Dell Prette, Dell Prette & Meyer, 2007).

O estágio é um elemento essencial para a transição entre a vida académica notada por uma extensa variedade de teoria oferecida aos estudantes e o mundo profissional, de onde passam a exercer a teoria oferecida. Este é visto como um elemento que colmata as dificuldades que muitos

estudantes sentem, entre o mundo dentro da sala de aula, para o mundo onde se exerce a profissão (Kuzmic, 1994; Ludke, 1996; Ryan et al., 1996; Toohey. 1996 cit. in Caires & Almeida, 2000).

No estágio, a aprendizagem compreende a observação de consultas de outros profissionais, como pela própria prática direta. A partir deste, o discente enfrenta diversas exigências que o fazem desenvolver diversas ferramentas para o seu futuro profissional. É a gestão dessas dificuldades e o surgimento de estratégias que dão o conhecimento fundamental para as suas práticas futuras (Monteiro, 2010).

Os estudantes são colocados à prova através de novos desafios, novas tarefas e funções, onde a programação passa a ter o seu cunho profissional, e assente-se assim como parte do processo direto. Há uma nova forma de gerir os seus horários, que passam das salas de aula onde estudam o comportamento humano, para a prática com o comportamento humano. A própria forma de se ver, a presença que assumem perante os novos desafios são relatados como uma ótima aprendizagem e crescimento (Barbosa, Laurenti, Silva, 2013).

Mas não só de crescimento e aspetos positivos se faz o estágio. Advém deste período tempos e momentos mais complexos, refletindo algumas dificuldades vividas. Destas é possível referir os elevados níveis de stresse e ansiedade experienciados, o sofrimento físico e emocional reflexo do desgaste, alterações no ciclo do sono e do apetite, ou até a presença de sintomatologia depressiva (Pinheiro, 2005 cit. in Monteiro, 2010).

Em Psicologia, o estágio curricular corresponde um elemento essencial e desigual dos demais até agora vivenciados pelos estudantes, onde o período é dividido entre o tempo passado na instituição, com algumas idas à Universidade. A presença na Universidade ocorre semanalmente ou quinzenalmente, conforme a Universidade onde ocorre o percurso académico. Em Évora, os discentes frequentam a Universidade num período semanal. O tempo é dividido para

que o estagiário possa cumprir as horas estipuladas para a permanência na instituição do estágio e a realização de outras atividades (Caires & Almeida, 2000).

Para além dos elementos referidos e presentes no estágio, os estudantes possuem ainda tempo para a discussão das suas práticas, através da partilha das suas experiências e reflexão sobre as mesmas (Caires & Almeida, 2000). O tempo de orientação que ocorre fora do local de estágio, compreende um crescimento pessoal e profissional, produto da discussão das vivências, num encontro entre a prática e a teoria, onde há sempre lugar para palavras que acalmam (Barbosa, Laurenti, Silva, 2013). Um confronto que se traduz numa construção profissional e fomentando a identidade profissional do mesmo (Paparelli, Nogueira-Martins 2007).

Deste modo, a presente investigação pretende compreender não só as experiências e vivências do estágio curricular nos estudantes de Universidade de Évora, o impacto das mesmas na sua vida pessoal e profissional, assim como estas estão relacionadas com a sua identidade profissional.

A profissão de um psicólogo remete para um trabalho no auxílio que presta ao outro. O seu exercício compreende um entendimento sobre o cliente, que permite ao mesmo conhecer-se, ver-se ou ganhar consciência de si. Compreender o que a prática de um profissional de psicologia envolve, é entender a complexidade do seu exercício (Campezatto & Nunes, 2007). É através desta perspectiva que o presente estudo ganha espaço. Apesar de ser apenas um capítulo da vida profissional de um futuro psicólogo, é também o primeiro. O primeiro passo na vida profissional, o estilhaçar de estigmas sobre a profissão, e uma montanha russa de emoções. E é daqui que se compreende os percursos profissionais.

Este estudo está dividido em seis capítulos. Primeiramente, a presente introdução, através de uma breve abreviação das temáticas discutidas. Em seguida, dois capítulos de fundamentação

teórica dos temas predominantes da investigação - o estágio curricular e a identidade profissional, respetivamente. Pretende-se elucidar sobre as temáticas abordadas, através de diferentes perspetivas e definições. Posteriormente, encontra-se a descrição da investigação empírica, onde fazem parte o objetivo do estudo, método, participantes e a análise e discussão dos resultados. Por fim, as considerações finais, num remate conclusivo dos resultados obtidos.

2. Capítulo 1 - Estágio

2.1. Experiência do estágio

O último ano de Mestrado em Psicologia integra a realização de um estágio que decorre durante um ano letivo. O estágio, em concordância com o exigido pelo *Europsy*, visa proporcionar um contacto direto dos discentes com a prática psicológica em contexto profissional, promovendo e potenciando um desenvolvimento de competências de intervenção, assim como a primeira abordagem à vida profissional.

Este primeiro tempo de contacto com a prática profissional, detém-se como uma ferramenta de trabalho e experiência inigualáveis, tanto para o discente como para a instituição que os recebe. As universidades integram nos seus planos curriculares estágios que promovam o contacto direto entre os discentes e o exercício profissional, através de locais de estágio impulsionadores de atividades e experiências que possam enriquecer o estagiário, de forma organizada e estruturada. É neste primeiro passo que o discente enfrenta a realidade profissional escolhida, entre as dúvidas e as incertezas. São convidados a explorarem as suas capacidades de entreaajuda, eficácia, a própria flexibilidade e espontaneidade, dando às próprias instituições “sangue novo”, isto é, formas de pensar e atuar diferentes que possam influenciar positivamente as próprias práticas nas instituições (Fernandes, 2003).

“Neste período de intensa exploração e descoberta de si próprio, dos outros e dos contextos por onde se passará a movimentar é esperada a emergência de uma multiplicidade de cognições e afetos que, pela sua diversidade, riqueza e intensidade, fazem do estágio um dos momentos mais ricos e interessantes do percurso dos alunos do Ensino Superior, também sob o ponto de vista sócio-emocional” (Fernandes, 2003, p.137). Durante este período e mesmo antes de ele começar, existem inúmeros sentimentos a emergir no estagiário. Sentimentos de expectativa, frustração,

angústia ou de realização. Para Abeledo e González Sanmamed (1995) os sentimentos que os estagiários enfrentam, momentos antes de iniciar o estágio, são semelhantes à percepção de uma “prova de fogo”, onde deixam de ser alunos, com meras responsabilidades e assumem-se como adultos, uma transição vivida de forma intensa e expectante (Abeledo e González Sanmamed, 1995 cit. in Fernandes, 2003).

A transição entre o mundo teórico e a vivência na prática, exige uma mudança na própria forma de estar do aluno em relação a várias áreas da sua vida: a forma como se vê, enquanto pessoa, a forma como vê a instituição de onde aprendeu o conhecimento, ou a forma como percebe os colegas que o acompanharam (Aguirre, 2000). O estágio curricular representa a primeira experiência de prática, um período de forte ansia pelos estudantes.

Para além das ricas aprendizagens de competências técnicas e pessoais, o estágio tem uma forte influência na forma como o aluno é modelado, conforme a instituição e as relações sociais inerentes. Através deste importante período, o estagiário adquire códigos de valores e normas de comportamentos, que reproduz em função do estágio em que ocorre (Fernandes, 2003).

Para além disso, pode também ser sentido como uma divisão do mundo familiar que o amparou durante o seu percurso, e é agora colocado em situações de ambiguidade. Diversos medos podem emergir, tornando esta experiência inicial difícil de enfrentar. A casa que o havia abrigado deixa de existir, assim como os seus pontos habituais de referência que o confortavam e o ajudavam a conhecer o seu caminho, o seu futuro, o seu “eu”. O abrigo onde outrora podia ser fonte de calor dos invernos das suas ações, permanece fora do seu alcance, tendo de procurar em si outras fontes que o façam continuar. Todavia, esta primeira etapa chegará ao fim, e proporcionará, no confronto com a realidade e as vivências da própria prática, o exercício e

capacidade necessária para prosseguir caminho, encontrando novas referências que tornem o lugar “casa” (Jardine & Field, 1992 cit. in Fernandes, 2003).

É neste tempo de extensa aprendizagem que ocorrem inúmeras experiências de desenvolvimento de cognições e afetos, pautados por uma extensa variedade e intensidade, concretizando o estágio como uma imprescindível e hábil ferramenta para os estudantes.

A primeira vivência de contacto com a prática dentro do percurso académico, ou seja, o estágio académico, é um dos aspetos mais importantes na construção da identidade profissional (Aguirre, 2000; Scorsolini-Comin, Souza & Santos, 2008). Para Vigotski (2007), não é necessário o amadurecimento de estruturas internas específicas para que determinadas aprendizagens possam tomar lugar. Pelo contrário, é através da aprendizagem e do contacto com a mesma que o desenvolvimento ocorre. Deste modo, é no contacto com o outro, através da significação que o individuo dá ao mundo social, que este constrói o seu mundo de aprendizagens (cit. in Santos, 2017). Dentro desta linha, é fundamental compreender a importância que o estágio curricular, as aprendizagens inerentes e o contacto com a prática possui na formação e desenvolvimento do discente. É nos desafios/dificuldades que os ganhos do estágio surgem: as estratégias e aprendizagens de novos conhecimentos (Santos, 2017).

Vários autores assumem a prática, no contexto real, como um dos componentes formativos mais significativos e com um impacto mais duradouro para os alunos (Knowles, 1980; Kolb, 1984; Schön, 1987, 1995; Brown, Collins & Duguid, 1989; Lave & Wenger, 1991; Glickman, cit. in Fernandes, 2003). É neste contacto que ocorre o desenvolvimento do conhecimento da prática, das fontes exercidas que no contexto profissional estão emersos, quais as rotinas adotadas e os elementos fundamentais adotados do exercício profissional inerente (Lave & Wenger, 1991 cit. in Fernandes, 2003).

Por outro lado, o estágio curricular é muito mais que a aliança entre a teoria e a prática, ou os conhecimentos práticos que se adquirem no processo. Este período é deveras oportuno na aquisição de competências para lidar com as fontes stressoras que futuramente terão que enfrentar. Há um crescimento pessoal no que diz respeito a competências interpessoais que influenciam a própria qualidade de vida do indivíduo. Considera-se que este tempo de crescimento é igualmente um tempo de construção de identidade profissional (Rudnicki & Carlotto, 2007).

Nesta linha, o estágio corresponde a uma parte integrante na formação do futuro profissional. É através do mesmo que existe o primeiro contacto com o mundo laboral, nomeadamente com as características intrínsecas, traduzidas em desafios ou oportunidades. Este primeiro ensaio deste mundo ainda por descobrir vem acrescentar mais conhecimento sobre a temática escolhida e, por sua vez, diminuir a insegurança profissional. As expectativas de outrora passam a ser assunções baseadas na realidade. Para além disso, é um importante período de aquisição de competências para a transição para o contexto profissional, como para a reestruturação ou estruturação da identidade profissional (Brasil, 2012). É através do mesmo que os estagiários possuem a oportunidade de vivenciar a vida profissional, e onde podem viver a prática através das suas lentes, onde lhes é permitido errar, melhorar, aprender, tirar as suas conclusões e dúvidas, e onde existe ainda espaço para que possam saber como guiar o seu futuro profissional (Santos & Nobrega, 2017).

É uma importante alavanca para o estudante no seu futuro profissional. Apesar do conteúdo teórico ser fundamental na aquisição de conhecimentos para a prática profissional, é no estágio que se colocam à prova todas as competências adquiridas, e se desenvolvem inúmeras outras. Este período remete não só para a formação do indivíduo enquanto profissional, mas como ser idiossincrático (Sunday, 2021).

O estágio é nomeado por muitos como um contacto de multiplicidade de várias cognições, revelando-se um dos períodos mais enriquecedores e desafiantes do percurso académico (Sunday, 2021). É deste modo, um dos elementos de excelência para aprimorar e fornecer as competências profissionais até então em falta. É a lupa dos espaços que ficaram por preencher, que emergem agora, e podem ser ocupados por conhecimentos não só da instituição, onde exercem o seu estágio, como das inúmeras novas pessoas e profissionais que integram esta experiência (Brasil, 2012). Neste desenvolvimento constam inúmeros desafios que acarretam diversos sentimentos de ansiedade ou stress para os estudantes em primeiro estágio. Apesar do desconforto sentido, são esses desafios que permeiam o salto para níveis mais altos de desenvolvimento. Todavia, é necessário dosear fontes de apoio que permitam ajudar neste turbilhão de desenvolvimento e assegurar que o mesmo acontece. É entre o balanço entre as duas componentes que o desenvolvimento pessoal e profissional ocorre (Serrazina & Oliveira, 2002 cit. in Fernandes, 2003).

É de nomear a importância e relevância que as condições do estágio possuem nesta construção e aquisição de conhecimentos dos futuros profissionais. O contexto onde ocorre o estágio deverá favorecer a prática profissional e a aprendizagem do estudante, no sentido de potencializar todo o conhecimento até então adquirido, como proporcionar o desenvolvimento das lacunas académicas. É com base nestas características que o aluno poderá futuramente sentir-se mais seguro na sua prática, fazer face às exigências eficazmente e possa exercer a profissão futuramente com mais competência, conhecimento e adaptabilidade. Toda a bagagem de saberes adquiridos, dentro ou fora do ambiente académico até ao momento de estágio, asseguram de igual forma o sucesso na experiência do mesmo. É numa base sólida de teoria previamente bem

consolidada que as primeiras práticas podem ser exercidas, o conhecimento ampliado e os degraus do conhecimento expandidos (Nascimento, Ferreira & Rodrigues, 2019).

Os locais de estágio podem assim, assumir um importante papel no facilitar o desenvolvimento de competências ou ser um obstáculo a esse mesmo desenvolvimento. Deste modo, as aprendizagens que cada estudante traz das suas experiências são inerentemente distintas, não só devido à sua bagagem pessoal, como ao próprio local de estágio (de Freitas, Figueiredo & Barbosa, 2017).

2.2. Experiências de estágio em Psicologia

Transitar do estudo sobre “o outro” para o trabalho na prática com “o outro”, do qual se vai ser responsável, exige uma mudança e uma reformulação na identidade profissional até agora construída (Aguirre, 2000). Muitas vezes, pode ocorrer uma crise na própria identidade profissional, reflexo das primeiras experiências e primeiro contacto com a prática. As vivências podem ser avassaladoras, e os sentimentos inerentes desordenados e aflitivos. A própria identidade profissional é colocada à prova, numa constante construção e evolução. Deste modo, face às novas exigências, é construída uma nova perspectiva de olhar o outro, em constante ligação com a ética (Araújo & Boaz, 2013).

São diversas as experiências que refletem o sofrimento ou as alegrias das primeiras vivências de estágio. Todas elas acomodam vivências particulares, idiossincráticas e reflexo não só do percurso percorrido como da personalidade construída, e dos locais onde ocorrem estes mesmos estágios (de Freitas, Figueiredo & Barbosa, 2017).

Dentro desta linha, os estagiários de Mestrado de Psicologia Clínica experienciam dificuldades na relação com o outro, devido à falta de espontaneidade ao tentar corresponder às exigências do próprio papel. Essa barreira é sentida como um bloqueio na criação de relações reais,

consigo e com o paciente. Este vazio no ser-se “real” com o outro, autêntico, consoante as suas características na relação com o outro e consigo, impossibilita o desenvolvimento de uma identidade profissional, traduzida em vários sentimentos como a frustração (Barbosa, Laurenti & Silva, 2013).

Num estudo com estudantes que realizaram o seu estágio em contexto hospitalar, os estagiários apontam a transição entre o percurso académico e o mundo profissional, enriquecido de inseguranças e inúmeras fantasias sobre este momento. As ações tomadas enquanto estagiário perante as dificuldades poderão ditar a sua perspetiva mais ou menos positiva sobre o estágio neste âmbito. O ambiente hospitalar pode ser avassalador para os discentes menos preparados para as práticas diárias de inúmeros profissionais de saúde. Tal como nos outros locais de estágio, este deve enfatizar a promoção de condições que vise o acolhimento para o desenvolvimento pessoal, seja através da apropriação de espaços físicos para o exercício profissional do estagiário, como dos profissionais que o rodeiam (de Freitas, Figueiredo & Barbosa, 2017; Cella & Sehnem, 2017).

Também as vivências reportadas por estudantes de estágios em psico-oncologia em hospitais públicos remetem para as dificuldades que estes sentiram no primeiro contacto com a prática. As primeiras dificuldades, os desânimos, as próprias emoções pessoais e a realidade social. O contacto com a própria doença em si, e o estabelecimento de contacto com o “outro” numa procura de construção de uma relação coesa e ímpar. Nesta vertente, estudantes revelam dificuldades no entendimento das próprias características limitantes que denotava uma realidade mais violenta. Com o tempo e diversas consultas, é possível para estes estudantes entrar em harmonia com esta realidade. É nesta construção e amadurecimento que o desenvolvimento da identidade profissional toma o seu lugar (Scorsolini-Comin, et al., 2008).

Por fim, o estágio curricular é o realizar de um sonho há tanto esperado e idealizado pelos estudantes durante todo o percurso acadêmico. Esta experiência detém-se como igualmente significativa nas próprias percepções dos estagiários, mesmo nas dificuldades e medos associados. Assume ganhos e aprendizagens indescritíveis. Desde as novas formas de relacionamento, diferentes habilidades para resolução de problemas, a aquisição de novos conhecimentos, as suas limitações enquanto futuro profissional, e o conhecimento mais aproximado do que é ser psicólogo (Santos & Nobrega, 2017). O sofrimento psicológico que pode estar inerente nestas práticas não pode deve ser totalmente contido, e assume-se como uma adaptação, e uma nova fase para o indivíduo. Excluir esses sentimentos é anestesiar os discentes do sofrimento que por vezes crescer e amadurecer implica. É através desta adaptação que o próprio estagiário se prepara para a sua futura prática, e da qual poderá fazer-se companhia no seu próprio caminho profissional, suportando não só as delícias de ser-se psicólogo, como as amarguras da profissão (Araújo & Boaz, 2013).

2.3. Supervisão

A supervisão determina-se como uma ferramenta fundamental no suporte de dificuldades, onde o próprio exercício de partilha com os demais elementos do grupo (quando o mesmo acontece em grupo) ou só com o próprio supervisor (quando a supervisão ocorre apenas para o estudante) sobre uma área que não dominam, repleta de diversos sentimentos iniciais de desconforto e ansiedade, tornar-se-á gratificante (Aguirre, 2000; Scorsolini-Comin, et al., 2008). É também nesta experiência de supervisão que ocorre o pensamento crítico sobre as práticas adotadas, e onde se criam condições indispensáveis para ser-se psicólogo (Sunday, 2021).

O pensamento e a reflexão sobre todos os momentos, desafios, preocupações e as próprias práticas são indispensáveis nesta construção e evolução do futuro psicólogo. O orientador, que

permite ao estagiário a falha e a melhoraria, que orienta o pensamento e a reflexão, e incentiva nesse sentido o aluno, torna possível construir a identidade profissional do estagiário (Araújo & Boaz, 2013; Santos & Nobrega, 2017). Os próprios grupos de estágio são um elemento fundamental na troca de vivências e superação de dificuldades, através da partilha, da discussão, e da reflexão em grupo (Santos & Nobrega, 2017).

Existem alguns momentos fundamentais inerentes à supervisão que os alunos apontam como essenciais neste elemento intrínseco ao estágio curricular: a discussão dos casos clínicos, a troca de experiências com os outros elementos do grupo, o esclarecimento de dúvidas e o aprimoramento de técnicas lecionadas anteriormente (Barreto & Barletta, 2010). É importante ressaltar que as aprendizagens sobre as competências teóricas são indispensáveis, mas não são o elemento fundamental para esta prática. Para além da forte aprendizagem, é na partilha com o grupo sobre as suas diferentes vivências e perspetivas, sobre os comportamentos acerca de si, como sobre a atividade comportamental dos colegas, as suas práticas e as dos mesmos que se constrói a fonte basilar para o maior desenvolvimento. Os erros ou conquistas dos colegas são uma ótima oportunidade de aprendizagem para futuramente poder guiar as ações e tornarem-se exemplos de referência (Dieguez, 2019).

3. Capítulo 2 –Identidade Profissional

3.1. Identidade Profissional

A identidade pode ser compreendida através do que é idêntico ao indivíduo, ou, pelo seu contraste, através de características que o distinguem dos demais (Woodward, 2014 cit. in Krawulski, 2004). Deste modo, e assumindo a forte necessidade que os indivíduos possuem na significação das suas experiências, a identidade traduz-se na própria compreensão ou representação que o sujeito possui de si, assumindo-se como parte de um grupo (Teixeira, 2004). Esta é moldada de acordo com os elementos presentes numa sociedade, podendo sofrer alterações ou manter-se conforme as características dos ambientes onde o indivíduo se insere. É a dinâmica inerente das relações sociais que determina o movimento das mesmas. Deste modo, os contextos que o indivíduo está integrado, irão ser potencializadores da construção da identidade, podendo igualá-lo ou diferenciá-lo dos restantes elementos. O percurso académico, a família do indivíduo, a preferência política ou as associações são alguns dos exemplos de contextos que influenciam a dinâmica inerente à identidade. Deste modo, este processo estará em constante movimento, em conformidade com as interações presentes do indivíduo (Fialho, 2017).

Para Ciampa (1999) a identidade de um indivíduo é construída através da unicidade da sua história, dos seus trajetos, das pessoas com quem privou, das escolhas que praticou, não pertencendo a uma realidade estática. Estando o indivíduo em movimento constante, também a sua identidade se transforma de acordo com as suas vivências. Ciampa (1987) apresenta ainda a identidade como uma articulação entre o que é igual e o que é diferente. Segundo o autor, remete para a própria ação inerente no movimento. Todavia, sendo a identidade o desenvolvimento consoante os conjuntos sociais, a identidade é vista como algo que é dado pelos mesmos e não como algo temporal que se vai dando (Ciampa, 1987 cit. in de Faria & de Souza, 2011).

Dubar (1997) refere que a identidade é concebida através de dois pressupostos nomeadamente o de socialização onde consta as interações sociais – o indivíduo é caracterizado de acordo com os membros dos grupos onde estão inseridos -, e o biográfico – constando o percurso do indivíduo, as suas competências e ambições (Dubar, 1997 cit. in de Faria & de Souza, 2011). Para este autor, a identidade que se constrói à cerca de si é inseparável da identidade para o outro. Todavia, as experiências de vida são idiossincráticas e como tal não se pode viver dentro da realidade do outro. Acrescenta ainda que a construção de identidade é baseada na tensão entre os atos de atribuição, que acomodam o que os outros dizem à cerca do indivíduo, e os atos de pertença, que corresponde às características que lhe são dadas e que o indivíduo aprova. Na primeira – atribuição – diz respeito à identidade para o outro; a segunda – pertença – equivale à identidade para si. Esta dualidade entre o outro e o “eu” corresponde à tensão derivada da oposição em que se caracterizam. Através desta surge o núcleo da construção da identidade entre a identidade que é sua e a identidade que o outro criou. Dubar simplifica esta construção através de dois processos, nomeadamente o relacional – identidade para o outro, numa assunção de carácter mais objetivo e genérico – e o biográfico – identidade para si onde as transações são subjetivas, assumindo as identidades herdadas e visadas. Deste modo, ambos os processos assumem um papel no desenvolvimento da identidade (cit. in de Faria & de Souza, 2011).

Uma das Teorias sobre a formação da identidade, nomeadamente a Teoria dos Estudos Culturais, assume duas visões: essencialista e não essencialista. A essencialista considera que na formação da identidade existe um número de características original, verdadeiro e singular, partilhado por todos os membros de um determinado grupo e são imutáveis ao longo do tempo. A segunda perspectiva – não essencialista – foca nas analogias ou distinções entre os membros do grupo e para com outros grupos, podendo sofrer alterações. É a partir da segunda vertente que o

ser humano é capaz de assumir diferentes posições de identidade, conforme o seu percurso de vida e o seu ambiente social ou cultural (Woodward, 2014 cit. in Krawulski, 2004).

Apesar das diferentes perspectivas correspondentes à definição de identidade, e de se compreender a complexidade inerente, é possível caracterizar a identidade em pelo menos duas categorias, nomeadamente a social, onde consta a política e a cultural, e a pessoal. É nesta linha consensual que podemos ainda albergar a competência para se ajustar a diferentes ambientes e contextos sejam estes sociais, políticos e culturais (Diniz-Pereira, 2016).

A identidade profissional integra uma das inúmeras identidades sociais presentes na vida do indivíduo, através do campo profissional, das suas práticas laborais, e do contexto de vida próprio do indivíduo (Vozniak, Mesquita & Batista, 2016).

Por outro lado, a perspectiva sobre si é representada pelo que assume como sendo a sua história e a relação que o indivíduo possui consigo. A perspectiva do outro assume-se no reconhecimento que estes possuem acerca da sua atividade (Dubar, 2003 cit. in Borges, 2007). Para Gravé (2003), a identidade profissional para os outros remete para a identificação em determinada situação e contexto das aptidões profissionais através da posição enquanto trabalhador e remuneração. Este autor afirma ainda que a identidade para o próprio indivíduo está intimamente relacionada com os seus ambientes sociais, escolares e profissionais (Gravé, 2003 cit. in Borges, 2007).

Para Galindo (2004), a identidade é entendida como o comportamento que o próprio sujeito assume enquanto profissional, ao desempenhar as suas diversas práticas sociais, e de como é caracterizado pelo outro no ambiente social. Deste modo, ocorre uma dualidade de perspectivas intimamente ligadas, através de dois extremos, o autorreconhecimento, na perspectiva que o

indivíduo tem si e como se reconhece, e o do alter reconhecimento, de acordo com o que os outros possuem sobre si (Galindo, 2004).

Para outro autor, a identidade profissional pode ser caracterizada pela forma como o indivíduo se define, como pretende agir e age, pelas suas escolhas de crenças, as suas características do “eu”, sendo mais condicionada por experiências na prática. Como tal, desenvolver-se-á ao longo do tempo, conforme a prática profissional de cada indivíduo (Sunday, 2021). Pode ser concebida através de um processo dinâmico, entre o meio sociocultural e o sujeito (Carretero & Borrelli, cit. in Kullasepp, 2006). Para Kullasepp (2006), a identidade profissional assume um processo intrincado de diferentes trajetórias, alicerçados em fatores internos, pessoais, e externos, sociais. Assim, as alterações na identidade são o produto entre diversos processos, consoante diferentes níveis: nível de representações socioinstitucionais – o saber do psicólogo, traduzido no currículo –, o nível de representações pessoais internalizadas – quando um discente sente que está mais capaz do que considera ser um psicólogo, uma vez que possui mais conhecimento sobre o comportamento humano –, e o nível dos processos pessoais. Neste sentido, para este autor, a identidade profissional é um regime aberto, em constante mudança, onde constam fatores pessoais, sociais, e processos de representação a diferentes níveis – social, institucional, e intra-psicológico, que vão permitindo o desenvolvimento da identidade profissional (Kullasepp, 2006).

Assim, também se assume a importância que o papel do próprio contexto laboral possui na construção da identidade profissional, e como tal, compreender o impacto fundamental que as experiências decorrentes do seu contexto profissional (Krawulski, 2004). Nesta linha, é indispensável a compreensão que a própria organização permeia na construção da identidade profissional. Os profissionais que a integram terão uma própria identidade coletiva de acordo com

os meios históricos e culturais (Dubar, 2000 cit. in Santos, 2005). Quanto mais esta identidade coletiva for desenvolvida, mais sentimento de pertença por parte dos indivíduos sentirão. Através das atividades formais ou informais em grupo, é possível a construção de uma representação mais otimizada à cerca de si, dos outros membros do grupo de trabalho ou dos membros com cargos de chefia (Santos, 2005).

Por outro lado, os diferentes papéis que o indivíduo exerce ao longo da sua vida têm impacto nesta construção (Bock, 1999; Vozniak, Mesquita & Batista, 2016). É nesta perspectiva que é possível entender a identidade profissional, através de um conjunto de vários ambientes que formam a identidade, pressupondo uma identidade previamente construída através de um grupo, das relações, ou até de estilos de vida (Freund, 1979 cit. in Borges, 2007). Compreendendo o indivíduo como um ser em movimento, também a identidade profissional não será operacionalizada como cristalizada. Transforma-se em função das ações e funções do sujeito (Bock, 1999; Vozniak, Mesquita & Batista, 2016).

Para Habermas (1987), o caminho na construção de identidades deve ser entendido por base de dois sistemas estruturantes, designadamente, a atividade instrumental, que compreende os processos laborais, e as finalidades económicas, como a atividade comunicacional onde consta as relações com os outros sujeitos. Contudo, esta visão sobre a identidade profissional torna-se reducionista, entendendo o processo através da interferência apenas do emprego ou inclusão numa determinada organização. A influência ocorre com a influência de diversas relações a determinados grupos (Habermas, 1987 cit. in Santos, 2005).

Também a identidade é possível de ser discutida por base de vários modelos, nomeadamente, o modelo da trajetória da equifinalidade e o modelo multilinear baseado em processos dinâmicos básicos da construção da identidade. Neste primeiro modelo – equifinalidade

– e assumindo a ideia de identidade profissional pelo autor Kullasepp (2006), apesar de se assumir como um sistema aberto, onde constam vários constituintes, que estão em inter-relação entre si e o ambiente, todos os sistemas abertos atuam por princípios da equifinalidade. A equifinalidade assume-se onde o mesmo estado pode ser obtido, através de diferentes trajetórias e condições iniciais, com o decorrer do tempo. Apesar dos distintos trajetos iniciais dos sistemas abertos que podem afluir entre si no ponto de equifinalidade, podem igualmente separar-se após passagem neste ponto. Deste modo, as metamorfoses podem ser idênticas, mas nunca serão as mesmas (Kullasepp, 2006).

É possível assumir, após este modelo que, apesar de todos os discentes possuírem formações em psicologia, esta escolha pode ser permeada por diferentes ideologias e práticas anteriores, e apesar da sua escolha pós formação convergir na mesma vertente em Psicologia – Clínica, Educação ou Organizacional, por exemplo – todos eles irão escolher por base a motivos pessoais ou representações pessoais, que maleiam entre si, de acordo com os anos que lhes anteviram. Deste modo, a identidade profissional possui um carácter pessoal, e o ser-se psicólogo assume-se igualmente através de diversas formas, de acordo com o sujeito (Santos, 2013).

No segundo modelo, respetivamente, o modelo multilinear baseado em processos dinâmicos da construção da identidade, concerne-se na relação entre o ambiente social e o pessoal, e a sua independência (Kullasepp, 2006). Através desta relação dos componentes, é possível a internalização das representações, e como tal, as alterações associadas à identidade através do impacto dos fatores externos. Através deste pressuposto, entende-se que o desenvolvimento e crescimento do sujeito está interligado aos processos de construção de identidade, orientado por diversos elementos sociais (Kullasepp, 2006).

Tomando como exemplo os estudantes de Psicologia. Inicialmente, a compreensão que o próprio estudante possui à cerca de um Psicólogo e as representações inerentes são produto do conhecimento quotidiano de psicologia. Após entrada numa instituição – universidade – os discentes internalizam as representações associadas à instituição e os objetivos da mesma, e daí emergem as suas próprias representações. A universidade é o meio para tal – que orienta assentos básicos na forma de agir, sentir e atuar (Valsiner, 2001 cit. in Kullasepp, 2006).

Deste modo, a instituição em si – a universidade – constitui-se como um elemento fulcral na própria formação do individuo seja enquanto psicólogo, seja em qualquer área de formação. Detém-se como um veículo para o individuo enquanto profissional. Todavia, apesar da homogeneidade inerente, que ocorre no início do percurso, com o decorrer do tempo e adaptações às diferentes instituições, tal vai-se diluindo, tornando os indivíduos heterogéneos entre si (Kullasepp, 2006).

Assim, a identidade profissional possui um caracter dinâmico, em volta das experiências diárias em que o individuo se vai envolvendo. Para além disso, é indispensável o ambiente laboral nesta construção de identidade. É necessária uma reconstrução perante os desafios presentes na profissão escolhida. É mais que um produto do *Self*, sendo um processo que ocorre socialmente, na presença com os outros (Vozniak, Mesquita & Batista, 2016).

3.2. Identidade profissional em Psicologia

A identidade, como mencionado anteriormente, está associada à dinâmica e mudanças do próprio individuo, e como tal, nunca estará estagnada. A própria formação do psicólogo, concede a cada individuo a sua distinta identidade profissional, de acordo com as necessidades da sociedade em que se vive (Bock, 1999).

A identidade de um estudante em psicologia nasce no interesse em seguir psicologia no seu futuro profissional. A representação que possui sobre a profissão em si, sobre a sua prática, constituem-se como uma importante fonte basilar para a construção do que é ser psicólogo. A preferência por um futuro como psicólogo, consagra as idealizações e expectativas do próprio curso acadêmico, assim como do papel que irá exercer na profissão como psicólogo (Krawulski & Patrício, 2005; de Espírito & de Castro, 2012).

Dimenstein (2000) confere ao percurso e experiência individual do indivíduo responsabilidade nesta própria criação de identidade, e por sua vez identidade profissional. É deste percurso que decorrem as avaliações que fazem o indivíduo atribuir significados à sua vida, e por sua vez, à sua escolha profissional futura. É o conjunto de diferentes experiências que o indivíduo internalizou, o próprio entendimento sobre o mundo ao seu redor, a preferência por determinados valores e crenças, até ao processo de escolha e as suas ações. Destes significados e atribuições exemplificam-se, a ideia de profissão ideal, a forma como um psicólogo age ou como o psicólogo se comporta (Aguirre, Herzberg, Pinto, Becker, Carmo & Santiago, 2000; de Espírito & de Castro, 2012). Desde a infância, os professores com quem conviveu, os amigos, ou familiares, os pais, possuindo cada um deles opiniões e saberes, e aprendizagens dadas ao indivíduo que iriam influenciar a própria identidade do indivíduo enquanto ser individual e a sua visão sobre a escolha profissional. A própria conquista da identidade profissional ocorre quando o indivíduo adquire e une todas as identificações, surgindo desse conhecimento as pedras no caminho para o que deseja fazer (Soares, 2002 cit. in de Espírito & de Castro, 2012).

Por outro lado, a história pessoal, as habilidades ou capacidades que possuía – ouvir, aconselhar – remetem, igualmente, para características influenciadoras desta escolha. As

características que se autoatribuem, possuem alicerces motivadores para a escolha do curso (Magalhães, 2001).

Como já foi referido, também o percurso académico molda não só a identidade pessoal como a identidade profissional do indivíduo (de Vasconcelos, 2017). A passagem pela universidade, onde têm a possibilidade de adquirir conhecimentos, competências práticas e a própria conceção de valores sobre as suas atividades profissionais, correspondem a um dos maiores palcos de formação de identidade profissional (Haverkamp, Robertson, Cairns & Bedi, 2011). O percurso académico, constitui-se como uma importante ferramenta de subjetivação do indivíduo, no que diz respeito a si enquanto ser individual, único e unipessoal, enquanto profissional, e enquanto parte integrante em diferentes grupos sociais. As vivências teóricas e práticas, durante o tempo académico, constrói e reconstrói o sujeito nos seus valores e práticas particulares, assumindo-se como uma importante componente da construção da identidade (Ferrarini & Camargo, 2012). Salienta-se mudanças sentidas com um caráter positivo, as percepções de melhoria de autoestima, amadurecimento pessoal e a própria conquista de uma identidade profissional (de Vasconcelos, 2017).

Enquanto psicólogo, e entendendo a identidade do indivíduo como estando em constante modificação, os contextos onde exerce a sua profissão contribuirá como outro ponto fulcral para a construção da identidade profissional. A forma como compreendem os contextos, os diferentes componentes que a estes contextos se atribuem, sejam eles coletivos ou individuais, são alguns exemplos (Sunday, 2021).

O psicólogo nasce com o outro, na relação, nos vínculos criados a partir da/das mesma/mesmas, assumindo assim o próprio papel de interação. Mas é também no exercício

profissional que ocorrem novas identidades, sendo um caminho considerado pelos estudantes favorável para tal (de Vasconcelos, 2017).

Deste modo, é importante referir o papel das representações na construção da identidade profissional. O que para o indivíduo, enquanto discente, significa ser psicólogo, o que identifica na profissão que lhe agrada, aquilo que o próprio se auto atribui enquanto profissional, e o que os outros lhe atribuem, são exemplos de representações criadas pelo mesmo. As representações são construídas e reconstruídas, e nesta linha de pensamento, o sujeito elabora os seus conhecimentos em diferentes campos da sua vida – social, cultural e histórico, de acordo com o seu percurso (Bettoi, 2003 cit. in Santos, 2013). As representações são componentes fulcrais e elementares na vida de um indivíduo, tanto a nível cognitivo como afetivo. São componentes organizadores do Mundo, permitindo a distinção do Eu e do não-Eu ou simplesmente o conceito de realidade (Luzes, 1984 cit in. Soczka, 1988). O ser humano determina a informação consoante a realidade, que lhe permite antever situações e dirigir os seus comportamentos e a tomada de decisão de acordo com as suas representações (Soczka, 1988).

Assim, as representações entendem-se como meios que dão significado ao mundo, e como tal, fazem parte da construção da identidade profissional. As representações são construídas ao longo do percurso do indivíduo, e conforme as mesmas, o indivíduo escolhe a sua futura profissão. A universidade é, como já foi referido, uma fonte de atribuição de significados sobre o futuro profissional, sobre a profissão, sobre as diferentes áreas dentro da profissão, permitindo ao indivíduo guias fundamentais para a escolha e encaminhamento sobre o seu percurso e futuro profissional (Kullasepp, 2006). Trata-se de representações sociais, que o discente já traz consigo, e corrobora ou não dentro da instituição. Quando termina o seu percurso académico, as suas

representações serão alteradas conforme as suas vivências e a instituição (Lannaccone, 2006 cit. in Santos, 2013).

Posteriormente, enquanto psicólogo, o conhecimento à cerca das suas práticas, padece a própria construção da sua identidade. Apesar da compreensão sobre o papel das representações sobre si e sobre o contexto, todo o conjunto das práticas produz importantes ferramentas para a construção e desenvolvimento do individuo enquanto profissional (Santos, 2013).

A sua eficácia enquanto profissional estabelece um papel deveras importante na relação terapêutica e no próprio envolvimento enquanto profissional. As práticas de um psicólogo desenvolvem-no e constroem-no. A identidade está intimamente ligada a essa construção e reconstrução. E porque não só de pacientes se faz uma boa terapia, é importante ressaltar a importância de um psicólogo na eficácia da terapia (Santos, 2013).

A maioria dos estudos sobre a temática comprova a importância do paciente e em foco, a aliança terapêutica no sucesso da intervenção. A aliança terapêutica denota-se como uma ferramenta fulcral no sucesso da terapia, seja através da relação que se cria entre paciente e terapeuta onde é, de facto, a relação a peça indispensável para que ocorra sucesso, ou, através da mesma seja possível aplicar técnicas terapêuticas e garantir assim o sucesso da mesma (Abreu, 2003 cit. in Santos, 2013). Todavia, para além de uma boa terapia, a literatura assume a importância de um bom terapeuta. Um terapeuta com sucesso terapêutico deverá conter algumas características que irão influenciar positivamente o seu desempenho, como o preservar a aliança terapêutica de ruturas nas vertentes laços/vínculos, acordos sobre objetivos e/ou tarefas (Bordin, 1979; Safran & Muran, 2000 cit. in Vasco, Santos & Silva, 2003); concordância à cerca do problema do paciente (Vasco & Conceição, 2002 cit. in Vasco, Santos & Silva, 2003); toma consciência das diferenças individuais dos seus pacientes para além dos sintomas e sinais do

problema (Beutler & Harwood, 2000; Prochaska & Norcross, 2002 cit. in Vasco, Santos & Silva, 2003); permitir as ferramentas necessárias para que o paciente e o terapeuta identifique os diferentes padrões (Benjamim, 2003 cit. Vasco, Santos & Silva, 2003 cit. in Vasco, Santos & Silva, 2003); permitir que o paciente não permaneça nos seus padrões não-adaptativos (Benjamim, 2003 cit. Vasco, Santos & Silva, 2003 cit. in Vasco, Santos & Silva, 2003); fomentar a mudança no paciente Benjamim, 2003 cit. Vasco, Santos & Silva, 2003); fomentar aprendizagens positivas em prol de novos padrões (Benjamim, 2003 cit. Vasco, Santos & Silva, 2003); corroborar e enaltecer as alterações do paciente sobre os seus esforços e acautelar as possíveis dificuldades que poderão ocorrer; cinge as suas funções e tarefas numa sequência temporal estritamente estratégicos (Vasco & Conceição, 2003 cit. Vasco, Santos & Silva, 2003).

Contudo o sucesso deve permanecer entre os dois alicerces base: o tratamento em si, ou seja, o modelo terapêutico e as próprias características do terapeuta. O sucesso irá concretizar-se nos modelos teóricos como das próprias características do terapeuta (Santos, 2013).

4. Método

4.1. Objetivo e questões de investigação

Neste presente trabalho, propomo-nos a investigar as vivências e as perceções do estágio curricular na formação de um futuro psicólogo, e como tais vivências podem influenciar a identidade profissional dos mesmos. Neste âmbito, propomos as seguintes questões de investigação:

- a) Qual é a influência do estágio académico na representação da profissão do psicólogo?
- b) Como é que o estágio influencia a representação do estagiário enquanto psicólogo?
- c) Como é que o estágio académico influencia a formação do estagiário enquanto futuro psicólogo?
- d) Quais as vivências do estágio académico?

4.2. Participantes e Método

4.2.1. Caracterização da amostra

Os participantes deste estudo são 8 estudantes, tendo como critérios de seleção alunos que tivessem acabado este ano o estágio curricular, no Mestrado de Psicologia Clínica. Os estagiários realizaram o seu estágio curricular na área geográfica Évora, Portalegre e Reguengos de Monsaraz. Assim, os participantes foram selecionados através de processos de amostragem por conveniência, isto é, em função da acessibilidade aos mesmos.

A amostra compreende idades entre os 22 e 43, nomeadamente 2 elementos de 22 anos, 5 elementos de 23 anos, e 1 elemento de 43 anos.

4.2.2. Instrumento:

Como instrumento de recolha de dados foi usado uma de entrevista semiestruturada. Foi construído um guião de entrevista (Anexo I), constituído pelas seguintes questões:

Questão 1: Quais eram as suas expetativas sobre ser psicólogo antes do estágio?

Questão 2: Como é que o estágio contribuiu para a sua representação da profissão do psicólogo?

Questão 3: Como é que se percebia antes do estágio enquanto psicólogo?

Questão 4: Como é que se percebe depois do estágio enquanto psicólogo?

Questão 5: Como é que o estágio contribui para a sua formação enquanto psicólogo?

Questão 6: Como é que percebe a sua vivência do estágio?

Na tabela 1 é apresentado a correspondência entres as questões de investigação e as questões que compõe o guião de entrevista.

Tabela 1

Correspondência entres as questões de investigação e as questões que compõe o guião de entrevista

Questão 1: Quais eram as suas expetativas sobre ser psicólogo antes do estágio? Questão 2: Como é que o estágio contribuiu para a sua representação da profissão do psicólogo?	a) Qual é a influência do estágio académico na representação da profissão do psicólogo?
Questão 3: Como é que se percebia antes do estágio enquanto psicólogo? Questão 4: Como é que se percebe depois do estágio enquanto psicólogo?	b) Como é que o estágio influencia a representação do estagiário enquanto psicólogo?

Questão 5: Como é que o estágio contribui para a sua formação enquanto psicólogo?	c) Como é que o estágio académico influencia a formação do estagiário enquanto futuro psicólogo?
Questão 6: Como é que percebe a sua vivência do estágio?	d) Quais as vivências do estágio académico?

4.2.3. Procedimentos de recolha e tratamento de dados

O primeiro contacto com os participantes foi realizado via email, explicando-lhes que se tratava de um estudo no âmbito de Mestrado de Psicologia Clínica na Universidade de Évora, cujo objetivo era compreender a influência do estágio curricular no desenvolvimento da Identidade Profissional, nos estagiários. Deste modo, solicitou-se a sua colaboração, informando-lhes que, ao aceitarem a participação, realizariam uma entrevista gravada, com duração aproximada de 30 a 50 minutos. Para além disso, garantir-se-ia confidencialidade nos dados recolhidos e destruição das gravações após utilização para fins académicos.

Dos contactos realizados, todos os que responderam deram uma resposta positiva ao convite. Deste modo, seguiu-se um agendamento para realização da entrevista, em comum acordo entre o entrevistado e o entrevistador. Os participantes declaram a aceitação da participação neste estudo, assim como a gravação da entrevista, através do consentimento informado (Anexo II). As entrevistas ocorreram entre Junho e Julho de 2022, após o término dos estágios curriculares, todas por via online, nomeadamente via aplicação *Zoom*.

Posteriormente à recolha de dados, realizou-se a transcrição integral das entrevistas realizadas. Os dados foram analisados através de uma análise temática, uma ferramenta de análise qualitativa, que procura reduzir os dados obtidos, de forma a extrair apenas os dados relevantes dentro da totalidade de dados recolhidos.

Seguindo o modelo de Attride-Stirling (2001), o material recolhido foi subtido, seguidamente, a leitura e releitura, procurando reduzir os dados obtidos. A codificação dos dados teve como critérios os interesses teóricos específicos e as questões que se denotaram salientes e oportunas para a temática. A conjugação entre estes dois critérios conduziu a 41 códigos que possuem diretrizes estritas para não levar à repetição dos mesmos e globais o suficiente para irem de encontro ao objetivo da análise. Os códigos dizem respeito ao elemento mais básico dos dados brutos (ver anexo D).

Em seguida, os códigos que surgiram foram agrupados em 5 grupos, e relido novamente o material recolhido, tendo em consideração os temas que emergiam e os segmentos de discurso específicos. Dos 41 códigos, inicialmente definidos, surgiram 23 temas (ver anexo D). A análise centrou-se na identificação não só de temas em comum, com dois ou mais dos entrevistados, ou seja, temas homogéneos e de interesse para a problemática em estudo, como temas que se tornaram de interesse, e apenas foram referidos por um dos constituintes da amostra.

Os 23 temas derivados do 1º processo de codificação, foram sujeitos a uma nova análise, analisados e renomeados, conduzindo a 14 subtemas, agrupados em 4 temas (ver tabela 2).

Tabela 2

Temas e subtemas

Subtemas	Temas
1. Representação do psicólogo e estigma sobre o exercício profissional	Preocupações/Expetativas perante o contacto com o estágio antes de ser estagiário
2. Receios sobre as suas competências	
3. Estigmas sobre a aparência jovem	
4. Sentimentos de desvalorização do paciente	

<p>5. Dificuldade no trabalho com equipas multidisciplinares</p> <p>6. Confronto com as condições físicas do local de estágio</p> <p>7. Dificuldade em conciliar a exigência de outras atividades profissionais/académicas</p>	<p>Dificuldades vividas durante o estágio</p>
<p>8. Estratégias encontradas através da supervisão e da intervisão</p> <p>9. Estratégias idiossincráticas</p>	<p>Aquisição de estratégias</p>
<p>10. Estágio como fonte de desenvolvimento de competências profissionais</p> <p>11. Estágio como fonte de aprendizagem em equipas multidisciplinares</p> <p>12. Compreensão da importância da supervisão e intervisão</p> <p>13. Desenvolvimento de competências pessoais</p> <p>14. Estágio como espaço de confronto com a realidade do exercício profissional</p>	<p>Ganhos resultantes do estágio</p>

5. Análise e Discussão dos resultados

5.1. Preocupações/Expetativas anteriores ao início do estágio

Este primeiro tema tem como alicerce as assunções e preocupações antes de contactarem com a prática profissional: o mundo de expectativas, inseguranças, receios ou até mesmo medos associados a esta tão desejada etapa da sua vida.

5.1.1. Representação do psicólogo e do exercício profissional

Antes das expetativas sobre si, enquanto estagiário, e das suas capacidades, é necessário compreender o conceito da representação da profissão. O que significa e o seu entendimento sobre “o psicólogo” enquanto profissional e as práticas que este exerce.

Nesta linha, as discentes apontaram duas visões interligadas: um psicólogo idealizado e perfeito e um agente de promoção de bem-estar no cliente e na equipa. Nesta primeira instância, entende-se o psicólogo como um profissional perfeito, onde não há espaço de erro, mas apenas atos e palavras corretas, nos momentos certos. Uma perfeição, onde até o silêncio era uma dança infalível, cronometrado naturalmente ao milésimo de segundo, para que não fosse em demasia nem precário demais.

“Era alguém que tinha lá sempre as respostas certas para as pessoas que tinha de estar sempre lá para ouvir e que em parte até aparecia que se esquecia que era pessoa.” (P1)

Um profissional perfeito demais para permitir a entrada de sentimentos ou emoções, característico do ser humano. Alguém no limiar do excepcional, algo que parecia inatingível.

Por outro lado, um agente de promoção de bem-estar no paciente e na equipa onde exerce o trabalho.

“Era alguém que tirasse uma formação e que depois conseguisse intervir não só no furo da doença mental, mas também na literacia em saúde. No fundo, às vezes a promover a saúde mental não tem que só ser intervir na doença, intervir na patologia, mas simplesmente promover

a literacia, conversar sobre saúde mental, tecer informações sobre a saúde mental, já estamos a ajudar a promover. Acho que era isso. O que eu tinha como profissional da psicologia e como psicólogo antes do estágio era exatamente isso, era fazer a diferença na vida das pessoas que entendiam ou que estivessem comigo nos projetos comunitários.” (P7)

Um profissional que através de uma formação adequada pudesse exercer a sua prática profissional, permeando o bem-estar do outro. E mais que permeiar a saúde mental, promovê-la através não só do contacto direto com o paciente, mas através de muitas outras ferramentas como a divulgação de boas práticas, seja em palestras, *flyers*, ações de sensibilização, entre outros. O papel do psicólogo passa por atuação para além das quatro paredes dos gabinetes, que em muito se associam.

“Em determinados contextos penso que marca diferença, bastante diferença em relação aos outros profissionais com que o psicólogo está conjuntamente a trabalhar porque os psicólogos são profissionais que podem entender ou têm uma compreensão geral sobre o funcionamento humano e podem compreender com outra sensibilidade os problemas das pessoas. Por outro lado, também as competências depois relacionais, a nível de comunicação de certa forma vão sendo também exploradas e desenvolvidas a nível da parte académica. Facilitam muito também os trabalhos em equipa, os trabalhos multidisciplinares ou interdisciplinares e penso que o psicólogo tem também um papel importante nas equipas a esse nível. Penso que pode criar pontos e criar ambientes onde a comunicação realmente seja usada de uma forma efetiva e ao serviço de ajudar também os pacientes que estão a ser acompanhados num ambiente multidisciplinar.” (P4)

Para além do papel na promoção, onde existe uma clara sensibilidade, referida pelas discentes, assentando uma competência diferente dos restantes profissionais, existe ainda um papel fulcral na comunicação entre profissionais, tornando o funcionamento da equipa um lugar mais

coeso, e eficaz. O profissional cria as posições para que tal ocorra, através de competências que lhe são mais propensas. Sempre com a intenção de permear o bem-estar do paciente.

5.1.2. Receios sobre as suas competências profissionais

Entre o mundo da teoria durante quatro anos de universidade, vêm-se pela primeira vez a dar o passo na caminhada da prática que ambicionaram. E de entre as linhas de tantos artigos, livros, anotações ou sebatas, e uma infindável cascata de teoria, dentro de quatro paredes académicas, reluz o receio daquilo que não se aprende entre as capas e contracapas, o “ser” profissional.

“Tinha muitas inseguranças não sabia se ia ser capaz de estar lá e de saber o que dizer e ainda por cima o meu maior medo era se a pessoa começasse a chorar ou algo assim, que eu sabia que ia começar a chorar logo a seguir.” (P1)

Diversas são as inseguranças deste primeiro momento de prática profissional, o primeiro contacto real com um paciente, a dinâmica que em muito se fantasia e se vai treinando no decorrer da formação. O medo de falar, de se confundir, de não saber se exprimir, ou de se emocionar. E o mais tenebroso de todos, o medo de errar (Paparelli, Nogueira-Martins 2007).

É a incerteza de um futuro profissional pelo qual se estudou durante 4 anos e o medo de agora, onde não existem mais as saias da universidade, da família, ou de amigos/colegas, que se confronta com a realidade. É aquele momento, a derradeira prova dos nove que dita muitas vezes o quanto os alunos acreditam em si para serem bons profissionais.

“Tinha algumas dúvidas quanto à minha habilidade para realmente conseguir acompanhar alguém que precisa de ajuda psicológica. Via-me como alguém competente a nível teórico, alguém também com boas noções a nível técnico, mas tinha dúvidas de como depois

aplicar no terreno, na prática esses conhecimentos. Dúvidas acerca das habilidades para o fazer.”

(P4)

E vários são os estudantes a quem este sentimento bate à porta. As dúvidas sobre a sua verdadeira capacidade de exercer o exercício profissional. Para muitos, o estágio curricular é a avaliação sobre se as suas capacidades até então desenvolvidas, e se estas são suficientes para corresponder às exigências da prática (Mele, Español, Carvalho, & Marsico, 2021).

Por outro lado, e como referido no subtema acima, as discentes idealizavam o psicólogo e o seu exercício profissional, através da representação de um profissional onde não existe falha ou erro. Como se estes profissionais desenvolvessem um dicionário singular da prática profissional, onde os conceitos anteriores – falha/erro – não entrariam no mesmo. Medos e inseguranças em corresponder à expectativa idealizada não só de si, mas da representação que possuem sobre a profissão.

5.1.3. Estigmas sobre a aparência jovem

Numa era onde a imagem é um marco importante na vida e na saúde mental de muitos adolescentes e adultos, surge o estigma sobre a aparência jovem associada ao medo de que o outro associe a juvenildade à ineficácia do seu exercício profissional.

“Via-me com receios. Como eu tenho um ar muito jovem, eu via-me como aquela psicóloga que não ia ser respeitada porque era muito jovem. Associa-se a juventude à inexperiência. Isso deixava-me com receios do respeito que os outros iam ter por mim.” (P6)

Mencionado por esta discente, receando que fosse um entrave na sua prática profissional, e que dificultasse o seu trabalho com os pacientes. E talvez, para além dos pacientes que desacreditassem de si, outros profissionais poderiam percorrer o mesmo caminho, desvalorizando o exercício profissional da estagiária.

Como referido, o processo de antever o futuro profissional consagra uma infindável panóplia de níveis que conduzem aos estigmas ou assunções que os discentes podem ter. Em primazia com o fluxo de informação inerente, o estagiário apropria-se de determinadas representações. Várias são as influências, mas salientar a autoimagem ou a própria capacidade acerca das suas capacidades pessoais (Monteiro, 2010).

5.2. Dificuldades vividas durante o estágio

Durante a prática profissional, vários são os obstáculos que vão surgindo na vida de qualquer profissional, sendo ele estagiário ou não. O tema da idealização, falado anteriormente, e o contacto com a realidade, vem dismantelar as expetativas criadas e dar as cores com que se pinta a prática profissional. E é a forma como se encara o pincel, as cores e a tela, que se cria um bom artista.

5.2.1. Sentimentos de desvalorização do paciente

Tal como qualquer estudante possui as suas idealizações sobre a prática, também o outro as vai criando. O confronto com assunções dos pacientes pode ter um carater por vezes destruidor, onde se desacredita das suas próprias capacidades de exercer a profissão, especialmente sendo este o primeiro contacto com a prática.

“Eu acho que às tantas tive um bocadinho perdida porque também fiquei muito tempo com um só caso e era uma pessoa que era particularmente difícil. Então era um bocadinho difícil manter a perspetiva de que de facto as coisas podiam melhorar. Então a fase inicial do estágio começou por ser muito boa, entrar na prática e tudo era muito giro e havia muita coisa para explorar com a pessoa. Depois quando as coisas começam a correr um bocadinho pior e eu só tenho aquela pessoa, todas as semanas a mesma pessoa, aí eu acho que acabei por perder um bocadinho a esperança.” (P2)

Como já referido, este é primeiro momento de prática profissional, onde muitos estudantes colocam à prova as suas próprias capacidades de exercer a profissão. Compreender que por vezes, os pacientes podem de facto dificultar o trabalho do estagiário, fazendo o mesmo descreditar das suas capacidades. Deste pensamento pode advir desânimo, stress ou sentimentos de frustração.

“Eu tive muito tempo só com uma pessoa. E esse utente foi muito desafiante porque ele desvalorizava muito o que nós fazíamos e a mim enquanto terapeuta. Foi muito difícil ao início ir para além disso, e perceber que esta pessoa simplesmente é assim.” (P2)

5.2.2. Dificuldade no trabalho com equipas multidisciplinares

Neste ponto, compreender a complexidade de uma equipa multidisciplinar. O contacto com vários profissionais, com ideias diferentes, opiniões distintas, vivências opostas, formas de exercer a sua profissão divergente, podem gerar conflito, e complicar a gestão do exercício profissional comum.

“Por isso, nesse sentido, também foi um bocadinho complicado e acho que é complicado as pessoas em si de trabalharem com equipas multidisciplinares porque as opiniões divergem e depois é muito difícil. São muitos profissionais, e isso pode ser um bocadinho mau. Isso pode se tornar ainda mais complicado.” (P5)

O trabalho em equipas multidisciplinares detém-se como uma atividade imprescindível em diversos contextos profissionais, e é igualmente referida como uma competência fundamental no exercício profissional (Schultz & Cruz, 2009). No entanto, este trabalho não significa necessariamente uma agilidade entre todos os profissionais.

Apesar de compreenderem que se derivava de um conceito prévio sobre o exercício profissional que estavam a realizar, e que o mesmo não se dirigia a si, a nível individual, quando o trabalho que se realiza é de carater multidisciplinar, a prática pode tornar-se mais difícil.

“Depois aquela questão de trabalhar em equipas multidisciplinares, apesar de muitas vezes me ajudarem, eu acabava por achar que de alguma forma levava com algum antagonismo que podia estar a acontecer entre os psicólogos e os psiquiatras, por exemplo.” (P5)

5.2.3. Confronto com as condições físicas do local de estágio

São conhecidas as dificuldades que muitas vezes estão ligadas ao exercício profissional de qualquer profissional no SNS. A resposta que se consegue dar, fica muitas vezes aquém das necessidades do utente. Apesar dos estagiários serem um bom recurso para fazer face às dificuldades, estes mesmos enfrentam as dificuldades que muitos dos profissionais se deparam no seu dia-a-dia. A falta de macas, a indisponibilidade de quartos ou a dificuldade de gabinetes para a prática das consultas.

Metade das entrevistadas, do presente estudo, frequentou contextos de estágio do Sistema Nacional de Saúde – duas no Centro de Saúde de Évora, uma no Hospital de Évora e uma no Hospital de Portalegre. Desta experiência pode relatar-se o que muitas profissionais vivem no seu dia-a-dia.

“Houve algumas dificuldades em termos dos recursos mais físicos no local de estágio, com alguns constrangimentos em alguns momentos a nível da parte das consultas pela indisponibilidade às vezes de gabinetes no local de estágio. Isso em alguns momentos foi um tanto ou quanto desagradável. E penso que é capaz de ter impactado em algumas situações o curso da consulta porque chegou a acontecer, por exemplo, ser interrompida quando estava a atender algum paciente. Ou de não poder terminar a consulta no gabinete onde iniciado porque havia esse problema de várias pessoas precisarem de gabinete para darem consultas, fossem médicas ou não médicas. Isso foi realmente desagradável, talvez contraprodutivo até, mas não vejo como tendo

sido uma catástrofe. Era melhor que não tivesse acontecido, mas penso que não foi catastrófico também.” (P4)

O local do estágio detém-se como um importante marco facilitador de bem-estar, proporcionando as ferramentas necessárias para o exercício profissional. Nesta linha, o bem-estar conduz ao aumento do conforto e auto-estima por parte dos discentes na sua atividade profissional (Fernandes, 2003). Deste modo, quando existe uma carência nas condições físicas do local de estágio, os níveis de stress tendem a aumentar, dificultando as práticas profissionais.

5.2.4. Dificuldade em conciliar a exigência de outras atividades profissionais/académicas

O período de estágio curricular na Universidade de Évora, acarreta simultaneamente um compromisso com outras tarefas pessoais, académicas ou profissionais das estudantes. Para além de cumprirem um tempo mínimo de atividade no local de estágio de 480 horas, 30 horas de orientação direta – supervisão –, e 114 horas de trabalho autónomo do estudante, os estudantes acrescentam aos seus afazeres a realização da dissertação. É o culminar entre estas duas etapas que se encontram finalizados os estudos para a prática profissional.

Por vezes, a dificuldade na gestão de cumprir a exigência entre estas duas tarefas, deu lugar a duros sentimentos de frustração, pressão ou até mesmo cansaço extremo por parte das estudantes.

“Não desfrutei tanto do estágio porque tinha de trabalhar para a dissertação e tinha aquela pressão de entregar coisas a tempo. Acho que me poderia ter-me dedicado muito mais estágio para além do que me dediquei.” (P6)

“No estágio em si eu não sentia muita pressão. Eu sentia pressão no estágio apenas porque tinha tempo encurtado porque tinha a dissertação para fazer. Com a dissertação, eu tinha de entregar coisas a tempo, às vezes de um dia para o outro. Às vezes isso atrapalhava-me porque tinha que fazer o meu trabalho diário do estágio. Eu senti a pressão do estágio porque tinha a

dissertação para fazer. Houve momentos em que eu chorava, chorava bastante. Pensava “será que é mesmo isto que consigo fazer? Será que eu vou conseguir continuar”. Mas o que me levou sempre a continuar foi gosto que eu tomei pelo que estava a fazer enquanto estagiária de psicologia. Mas a pressão teve sempre presente. Eu cheguei a um ponto que eu estava a tentar trabalhar e deu-me um ataque de ansiedade. Eu cheguei a ter um ataque de ansiedade em plena consulta e não percebia porquê.” (P6)

Por outro lado, a dificuldade que atravessa uma trabalhadora-estudante neste último ano de estágio. Referido por uma das estagiárias, como um momento de desgaste total das suas capacidades físicas e psicológicas, edificando a gestão entre o trabalho que realiza profissionalmente e o cumprimento do proposto para o estágio. Ressalvando que o seu desgaste não conteve a realização da dissertação, uma tarefa que permitiu ficar para o próximo ano.

“Eu sou trabalhador-estudante, e isso também acarretou o conciliar com outras vidas, com outras dimensões da vida. Isso foi particularmente difícil. Isso não foi particularmente positivo porque efetivamente exigiu durante muitos meses uma ginástica tremenda, e na verdade eu quando terminei o estágio, quando eu terminei a entrega do relatório nomeadamente, estava exausta mesmo. Estava mesmo exausta. Já não era cansaço, era exaustão. Portanto essa parte aí não foi propriamente positiva, mas não podia parar. Era algo inevitável e, portanto, tinha que de alguma maneira superar, conciliar com as restantes responsabilidades e deveres que já tenho.” (P4).

A exposição a níveis de stress prolongado tende a reproduzir no corpo níveis de ansiedade, depressão, exaustão, ou até mesmo o esgotamento. Para além dos mesmos, existem ainda sintomas físicos como a hipertensão, problemas de sono, perda de peso, entre outros (Fernandes, 2003).

Em congruência com o presente estudo, estagiários de psicologia que realizaram a sua formação na Universidade do Minho e na Universidade de Coimbra, identificaram como obstáculos gerais na vivência do estágio curricular, um excesso de carga de atividades fora do contexto académico, a complexidade no trabalho com equipas e a dificuldade na gestão entre as obrigações do estágio e a realização da dissertação (Monteiro, 2010).

Apesar das dificuldades encontradas serem elevadas fontes de stress sentido pelos estagiários, estas podem ser igualmente vistas como um confronto positivo para os discentes. Para Antonovsky (1994), quando este processo ocorre, o jovem vê-se impelido a atingir diferentes níveis de inteligibilidade/compreensão, gestão e significação. Nesta primeira etapa, o estagiário vê-se na capacidade de entender e elucidar a situação; na segunda, a gestão, o estudante compreende de que forma consegue gerir o obstáculo com sucesso; e por último, a significação, onde o sujeito atribui um significado pessoal à experiência vivida (cit. in Fernandes, 2003).

5.3. Aquisição de estratégias

Após as dificuldades encontradas no estágio, as estudantes referiram as estratégias que foram igualmente desenvolvidas através do mesmo. Deste modo, as estratégias referidas foram surgindo conforme as necessidades e as dificuldades que os estagiários iriam encontrando ao longo do seu exercício profissional.

5.3.1. Estratégias encontradas através da supervisão e da intervenção

A maioria das estratégias apontadas pelas discentes, remonta para fontes como a supervisão ou a intervenção. A Supervisão, um tempo de partilha do exercício profissional, onde o objetivo conduz ao desenvolvimento de competências sejam de carácter pessoal ou profissional.

“Porque nós levávamos as descrições, líamos as transcrições, mas depois ela perguntava sempre como é que eu me tinha sentido, como é que tinha sido aquele momento. E no início era um pouco difícil para mim porque eu estava tão concentrada em perceber como é que a pessoa se

estava a sentir, como é que a criança se estava a sentir, esquecia como é que eu própria me estava a sentir” (P1)

A Supervisão tem um papel fundamental no desenvolvimento da capacidade refletiva dos estagiários, a garantia do exercício profissional segundo um rigor ético e profissional, a promoção de cuidados adequados e seguros. Para além disso, promove igualmente “a construção e consolidação, crítica e reflexiva, da identidade profissional” (p.3, OPP, 2020).

“Mas a minha pessoalmente foi muito positiva. Eu acho que também foi muito o conter das angústias, não na forma terapêutica, mas quando nós conseguimos criar a ligação com o supervisor, pelo menos eu senti, quando nós conseguimos criar uma certa ligação com o supervisor, eu acho que eles conseguem conter muitas das nossas angústias de terapeutas iniciantes. Era chegar e dizer, acho que esta sessão não correu muito bem porque “tal, tal” e depois ver em conjunto com alguém muito mais experiente do que eu, o que é que eu fiz mal, o que é que eu podia ter feito melhor, o que é que eu fiz bem, mesmo quando eu própria não consigo ver isso. Portanto ajudava muito a dar perspetiva sobre aquilo que eu andava a fazer com os utentes.”
(P2)

Mais que um encaminhar na teoria, o supervisor vem, alicerçado à prática, culminar as duas fontes de conhecimento. Uma tradução da prática encaminhada com a teoria, revelando ao estagiário como pode proceder no futuro. Uma fonte de estratégias inigualável (Santos, 2017).

Estudos apontam que, do ponto de vista dos supervisores, também existe uma opinião positiva sobre o aumento das capacidades dos estudantes após o estágio. Neste sentido, assente-se uma adição de conhecimento à cerca do conteúdo das perturbações, das técnicas inerentes, assim como das possibilidades de tratamento (Simons, Fehr, Blank, Connell, Georganas, Fernandez, Peterson, 2012).

Também a Intervisão remete para um processo evolutivo e fundamental, mencionado pelas discentes.

“O meu tutor sempre me deixou muito à vontade. Mas dizia-me para escrever os discursos diretos e ele fazia questão depois de os ler. Dizia-me também para escrever o meu diário. Aquilo dava-me vontade de trabalhar.” (P6)

Tem o intuito de facilitar a entrada na prática profissional, permeando uma boa gestão dos desafios inerentes à prática, assim como a promoção de uma relação de permuta de informações, partilha de conhecimentos e exposição de experiências. Para além disso, enfoca-se o apoio prestado para auxiliar a prática e promover a resolução de obstáculos (OPP, 2020).

“Martirizava-me, primeiro que tudo. Ficava mal. Depois tentava comunicar com a minha tutora, e ela ajudava-me sempre imenso. Dizia que estava com dificuldades nisto.” (P3)

“Portanto, lá está, desabafava muito também com a minha tutora.” (P5)

Outra importante ferramenta proporcionada pela intervisão diz respeito ao incentivo dado pelos profissionais inerentes ao processo, no sentido da autoeficácia, independência e confiança necessário no exercício profissional (OPP, 2020).

“E o meu tutor também me ajudou muito nessa contribuição porque ele sempre me fez ter um papel ativo no estágio. Sempre me fez tentar perceber que ser psicólogo não é só estar ali sentado a ouvir alguém, era também trabalhar nesse caso em casa e refletir sobre isso depois. Ele dizia-me para escrever os discursos diretos sobre as consultas. Mas também percebi mais que isso com o estágio.” (P6)

“Ou seja, o estágio com o meu tutor só me ajudou a evoluir na minha formação porque tudo o que eu não sabia fazer, ou tudo o que eu achava que estava ou ideias que levava que achava

corretas foram todas reformuladas por eles. Ajudou-me a perceber coisas diferentes mesmo no que é que é isto de trabalhar e estar no mundo do trabalho.” (P6)

A promoção de competências que permitam às discentes poder sair e exercer a profissão num conhecimento ampliado sobre a temática exercida, sobre si enquanto ser humano e sobre si enquanto profissional.

Também nesta posição, intervenção, os profissionais sentem que a participação dos estudantes é construtiva e benéfica para a organização, atribuindo à experiência uma conotação positiva (Simons, Fehr, Blank, Connell, Georganas, Fernandez, Peterson, 2012).

5.3.2. Estratégias idiossincráticas

Para além das estratégias que as discentes encontraram no confronto com outros profissionais, também elas conseguiram encontrar o seu caminho no enfrentar das suas dificuldades.

“As principais ferramentas foi sobretudo a leitura. Ler. Se bem que fiquei um bocadinho presa à leitura, mas foi a leitura que me ajudou muitas vezes a desbloquear. Ler autores como Coimbra de Matos, a Manuela Fleming. Ler autores que fizessem sentido e que falassem sobre aquela faixa etária ou sobre aquela patologia que podia estar ali inerente, ou sobre aquele funcionamento psíquico. Isso fez-me desbloquear muito. Depois foi também escrever.” (P7)

A estratégia mais mencionada pelas estagiárias ao longo das entrevistas, remete para a leitura e a procura pela teoria durante o estágio. As premissas variavam. Um procuravam autores específicos com os quais se identificavam. Outras pesquisavam sobre perturbações ou formas de funcionamento específicos e com os quais estariam a trabalhar. Apesar de pequenas diferenças que poderiam conter, é na teoria, - artigos científicos, livros – que as discentes se debruçavam para se fazer acalmar e continuar a sua prática profissional. Um ato que permaneceu mesmo depois da

transição entre a teoria e a prática. Talvez como um porto seguro no qual se viam calmos e com segurança para poderem prosseguir e colmatar dificuldades vivenciadas.

“Eu acho que foi assim um caminho com muitos retrocessos. Era avançar um bocadinho depois parecia que já não estava tão bem. Depois lá lia mais umas coisas e sentia que me ajudava.” (P2)

Outras discentes apontaram a organização e a preparação das suas consultas ou pacientes, assim como o contacto com os profissionais dentro do local de estágio. A primeira dar-lhe-ia mais segurança no seu trabalho e uma visão mais clara do que poderia trabalhar com os seus pacientes. A segunda estratégia tende para um aproximar e um criar de laços no local de estágio, tornando aquele espaço desconhecido, um lugar de conforto.

“Tentava organizar o meu dia, via que pacientes ia ter. Também pode ser uma característica minha ter tudo organizado. Depois eu tentei conhecer todas as pessoas que trabalhavam na instituição. Às vezes ficava só a ler artigos para me envolver mais com o estágio. Ou simplesmente ia ter com enfermeiros ou segurança, e tentava conhecer mais sobre aquele serviço através de histórias que me iam contando. Tentar perceber melhor como é que era o trabalho deles ali, se eles gostavam de estar ali. E desabafava com eles. Eu criei mesmo boas relações com os profissionais de lá.” (P6)

Por fim, as estratégias de conforto que são íntimas e facultativas de cada aluna e o tempo social, que permite às mesmas, descentrar os seus pensamentos. Nesta primeira, cada pessoa possui as suas próprias estratégias que desenvolve ao longo da sua vida, e a acalmam. Ouvir determinado estilo de música, o desporto, séries ou filmes, são alguns dos exemplos. Por outro lado, a importância do tempo social. Como fonte de conforto, de abraço que acalma as inseguranças, ou

até os medos, através de quem se conhece. Uma fonte imprescindível no combate a todas os obstáculos da vida.

“Às vezes chegava, já não mexia em coisas do estágio porque já não conseguia. Ouvia música, ia ver uma série, ia fazer caminhadas, partilhava muito com a minha tutora. (...) também falava com a minha família e com os meus amigos. Não contavam ao detalhe obviamente, mas também falava com eles. E acho que a minha própria cabeça foi querendo formatar para isso, para não sofrer tanto e para conseguir ser proativa.” (P5)

Os pares tornam-se assim um dos apoios mais mencionados na teoria, como fonte de estratégia mais importante. A partilha das tensões, ou apenas o contacto com alguém vem acalmar o stress sentido pelos estagiários (Head et al, 1996, cit in. Fernandes,2003).

5.4. Ganhos resultantes do estágio

5.4.1. Estágio como fonte de desenvolvimento de competências profissionais

O estágio alberga uma infinidade de competências que se adquirem neste tempo determinado de crescimento. Numa panóplia infindável, destaca-se neste subtema, o consolidar de conhecimentos teóricos até então estudados, e o crescimento teórico que se adquire através deste período de aprendizagem. O estágio vem não só colocar em prática os conhecimentos até então estudados, aprimorá-los e encontrar os espaços vazios que ficaram durante os quatro anos teóricos.

O que até então permanecia na imaginação, numa imagem criada por cada estudante sobre tudo o que estudou, tudo o que apreendeu, tudo o que vivenciou, vem agora debater-se com a imagem real, a cores e ao vivo, com sons dos agudos aos graves, e numa paleta de cores infindáveis. É o debater-se com a dura ou bonita realidade.

“Foi importante também porque lidei com casos em que efetivamente os problemas passavam por alguma ordem de condição psicopatológica e portanto isso permitiu-me também

adquirir mais conhecimentos, não só em termos de linguagem mais técnica e mais que um tipo de contexto, hospitalar, como também perceber na prática o que é que eram aqueles conjuntos de sintomas que tantas vezes foram lidos nos livros e em alguns, em algumas constelações havia alguma dificuldade de perceber efetivamente o que é que aquilo era, como é que se passava e como é que vivia a pessoa com aquele tipo de sintomas, com aquele tipo de queixas.” (P4)

“Eu acho que me ajudou consolidar muitas coisas que na teoria tivemos 4 anos ou que nós estudávamos, mas que depois de alguma forma aquilo não fazia assim tanto sentido. Estás-te a agarrar mesmo aquilo e à prática e tudo mais, de alguma forma consolidas as ideias que tinhas anteriormente.” (P5)

A prática vem permitir à estudante saber quem é, enquanto profissional. Permite uma redescoberta de si mesma, um confronto consigo própria, numa diferente vertente, e um acréscimo de competências que se erguem para fazer frente às exigências de si e do exercício profissional.

“Era mais restrita comigo mesma e no geral, acho eu. Acho que com o estágio e também com mestrado tive que aprender a soltar-me mais e a ser mais flexível. E, acho que o estágio também me ensinou muito que isto é uma área imprevisível. Isto aqui foi algo que a teoria, apesar de referir, eu não tinha bem a perceção até passar por isso. Acho que é uma área muito imprevisível e por ser imprevisível nós temos que ser flexíveis e aqui depois também e de testar também a nossa capacidade de adaptação às situações e às coisas. Acho que ser flexível foi algo que eu que eu não era tanto e que agora com o estágio acho que mudou. A minha flexibilidade às coisas e a minha capacidade de adaptação às situações“ (P8)

As discentes apresentem inúmeras competências que desenvolveram em si, com a continuidade da prática, mas que igualmente descobriram facilmente em confronto com as

exigências. Uma parte delas que permaneciam desconhecidas em si. Como um músculo que faz parte do corpo, mas apenas se sente quando é colocado à prova, se esforça e se dá uso.

“Descobri que afinal tenho uma capacidade muito maior de escuta que aquela que achava que seria capaz de ter. Descobri que sou capaz de não estar sempre a emitir alguma opinião, ou ideia. Descobri também por mais difícil que isso se tivesse apresentado, descobri que sou capaz de reconhecer as minhas limitações e as limitações se calhar também da própria profissão e não ficar demasiado inquieta com isso, apesar de preocupada, mas não perturbada ou inquieta.” (P4)

“Mas enquanto psicóloga, ajudou-me imenso a desenvolver as minhas ferramentas de elaboração. Eu não conseguia elaborar assim tantos pensamentos e como, por exemplo, quando nós comunicamos com o paciente, elaboramos. Isso é sempre um trabalho complicado.” (P6)

Muitos estudantes apontam que para além das competências profissionais que se viram a adquirir ao longo do processo do estágio, dado o contacto com casos reais e todas as perturbações, também a nível identidade profissional, onde se viram esclarecidos sobre as suas preferências, retirando do fruto as respostas que necessitavam para o futuro (Simons, Fehr, Blank, Connell, Georganas, Fernandez, Peterson, 2012).

5.4.2. Estágio como fonte de aprendizagem em equipas multidisciplinares

O contacto com diferentes profissionais, de unidades diferentes, experiências distintas, onde a estagiária está pela primeira vez a pisar, é deveras um contacto de fortes aprendizagens.

“Contribui, por um lado porque o ambiente em que eu desenvolvi o estágio, como já te referi era multidisciplinar, e isso fez com que fosse possível eu estar a colocar ideias, ouvir e também partilhar as minhas próprias ideias com outros profissionais. Disso resulta sempre uma aprendizagem mais rica. Portanto penso que essa questão de teres escolhido um estágio onde efetivamente este tipo de interações era possível, foi muito importante e foi muito benéfico porque

me ajudou a desenvolver competências a nível multirelacional e depois também pelo interesse na patologia.” (P4)

A importância das equipas multidisciplinares referida anteriormente como uma fonte de stress e incompreensão, é por outro lado, consentida através de uma lente mais positiva. A constância da sua importância é em muito referida, mas no contacto com a mesma que se detém o crescimento inerente sobre a temática. Uma das consequências positivas que o estágio e a prática profissional vem albergar a esta vivência.

“Por exemplo, as reuniões da equipa, ajudaram-me imenso a perceber como é que funciona uma equipa e como é que nós às vezes podemos ter um assunto que queremos debater, mas há certas coisas que simplesmente temos de concordar. Há assuntos que não podem ser debatidos, mas há outros podem e que devem. Deve de haver comunicação. A questão da comunicação foi outra que eu sinto que ajudou muito na minha formação. Desenvolvi muito a minha comunicação. Nunca considerei que tivesse qualquer dificuldade em termos de comunicar com os outros ou em comunicar com a equipa. Contudo, sinto que ainda desenvolveu mais, que ajudou-me a mais espontânea no trabalho que faço.” (P6)

5.4.3. Compreensão da importância da Supervisão e Intervisão

A importância da Supervisão e da Intervisão foi diversas vezes salientada pelas discentes. *“E é muito bom, principalmente a orientação do estágio curricular, pelo menos a minha parte foi uma experiência muito positiva, quer da parte das orientadoras da instituição, quer da parte da orientadora da universidade. Acho que é uma segurança que nós temos, ou seja, nós temos essa responsabilidade de intervir com o outro e de intervir segundo um rigor ético.” (P7)*

Muitas vezes, as discentes sentem-se sobcarregados com o misto de aprendizagens e de novidades inerentes ao estágio. A importância da orientação passa muitas vezes pelo traduzir

dessas experiências que se tornam confusas dentro das suas mentes. O encaminhar no percurso correto, o acalmar, o refletir, o desenvolver ainda mais o espírito crítico. Um caminho pela prática, através de um rigor ético que traduz as experiências vividas e lhes dá sentido (Barletta, Fonseca & Delabrida, 2012). Um alicerce que permite a evolução do estudante, entre o caminho da prática e da teoria (Gauy, Fernandes, Silveiras, Marinho- Casanova & Löhr, 2015).

“Eu definia a as reuniões de orientação como uma lufada de ar fresco. Eu depois de uma consulta, eu fazia a transcrição e no final de algumas consultas sentia-me sempre um bocadinho “ok agora na próxima consulta por onde é que eu vou iniciar, o que é que a pessoa me deu”. Porque nas últimas consultas, quinta ou sexta a pessoa já vinha com aquela ideia e começava logo a falar. Mas antes disso era eu que tinha que introduzir.” (P7)

O espaço de orientação possui um papel fulcral de troca de informação e conteúdo permissivo na prática profissional. É o tempo de partilha das dificuldades do tempo de consulta, onde o orientador conduz o discente de acordo com o seu conhecimento (Gauy et al., 2015). Ocorre não só um conter de angústias e medos, como já referido anteriormente, mas um momento de partilha e troca, onde não só o orientador e o estagiário, como os restantes elementos do grupo. Existe uma construção onde todas as partes fazem o cimento de uma casa de conhecimento. Onde existe espaço para ouvir, para intervir, para dialogar, para partilhar, para ser. Para além do conhecimento que advém desta partilha e troca, ocorre um conhecimento do seu papel enquanto estagiário, uma construção desse mesmo ramo, para culminar no produto final, o ser profissional (Santos, 2017; Monteiro, 2010).

5.4.4. Desenvolvimento de competências pessoais

Para além das competências profissionais que os estudantes levam na mala de bagagem para o seu futuro profissional, existe o crescimento pessoal que em muito foi mencionado pelas

discentes. Novamente, uma redescoberta e desenvolvimento de características que se apreendem ao longo do exercício profissional e que se levam para fora das instalações. Como ser global que o estudante é.

“Cresci na forma como vejo as pessoas, sobretudo relativamente a estereótipos porque o local onde realizei o estágio é um sítio que trabalha com comportamentos aditivos e dependências e muitas vezes tínhamos todo o tipo de pessoas, desde aqueles drogados típicos de estereótipos, todos degradados a nível físico, contextos familiares, sociais também degradados.” (P3)

Por vezes, apenas o confronto com o sofrimento do outro, com a dor, com a realidade ou a própria relação terapêutica que se cria, transforma o profissional. Numa troca benéfica entre o trabalho profissional que permite a promoção da saúde mental, e o desenvolvimento e crescimento do profissional para além de si enquanto profissional.

“Acima de tudo tornei-me mais confiante de mim e perceber que isto não é um bicho de sete cabeças e que todos nós temos as nossas falhas tal como eu tenho as minhas falhas” (P1)

Estagiários de psicologia referiram como sentimentos positivos à cerca da sua vivência do estágio não só a competência como o crescimento pessoal. Foram identificadas como produto do crescimento pessoal a satisfação, a gratificação, auto-eficácia, progresso, orgulho, entre outras (Monteiro, 2010).

5.4.5. Estágio como espaço de confronto com a realidade do exercício profissional

O confronto com a realidade profissional pode, por vezes, ser avassalador. Por mais que se leia, pesquise ou se debruce sobre o contexto do local de estágio, os utentes ou os profissionais inerentes, não há descrição que seja mais fiel que a prática no próprio ambiente.

As estudantes de mestrado de psicologia clínica mencionaram as dificuldades que sentiram nesse confronto com a realidade do seu estágio. A complexidade dos casos, a falta de recursos que se viram envolvidos, e a ambição de quererem fazer sempre mais, pelo outro.

“Mas esta aqui, se calhar muito particular, pela complexidade que tem dada a muitos confrontos com casos difíceis, complexos e depois quando se é profissional de saúde e se saúde está numa posição de ajuda, há aquele desejo de querer responder efetivamente às necessidades do paciente e ajudá-lo a superar essas dificuldades, os seus problemas, as suas queixas, os seus sintomas.” (P4)

Por outro lado, e numa resposta face a este confronto com pura realidade do exercício profissional em psicologia, viram-se a enfrentar dilemas entre a qualidade das suas consultas e a quantidade das mesmas

“Foi um confrontar com a realidade. Eu estagiei no centro de saúde, a lista de espera talvez esteja 600 pessoas e então há pessoas à espera há 5, 6 anos (...). Logo aí eu acho que é um bocadinho frustrante. Nós vamos ficar com 4 pessoas no meio de 600. É aquela gota no oceano, que fará certamente diferença, mas nunca fará tanta diferença quanto nós gostávamos ou esperávamos, ou pelo menos quanto eu esperava. Logo ali já mudou muito. Depois, no centro de saúde, o que a literatura diz é que a intervenção deve ser 5 a 6 sessões e eu pessoalmente acho que 5 a 6 sessões não dá para nada. Às vezes eu ia na 5 sessão e eu podia definir para mim, só tenho 7 sessões com esta pessoa, eu só posso explorar a vida dela em 2 sessões. E é claro que não funcionava assim, pelo menos não comigo.” (P2)

Apesar de tomarem conhecimento do espaço inerente à falha no exercício profissional, ambicionam encurtá-lo o máximo possível. Um prognóstico irresistível, ambicioso, que pode trazer amarguras ao longo do tempo, mas em certa medida, um futuro irrepreensível.

6. Considerações Finais

A presente investigação veio confirmar, na sua maioria, os dados da revisão de literatura. As futuras psicólogas que terminaram este ano o seu estágio curricular, frequentando o mestrado na Universidade de Évora, vieram reafirmar a importância desta primeira experiência nas suas vidas, tanto a nível pessoal como profissional.

Numa primeira instância, as discentes continham algumas inseguranças e incertezas sobre a prática profissional, sobre a sua própria capacidade e sobre a profissão do psicólogo. Como mencionado, ao longo da nossa vida vão se criando representações de tudo o que nos rodeia e o futuro profissional não se deixa de lado. Características mencionadas por mais estudantes, em diferentes investigações.

Contudo, um ponto neste tema que se destaca pelo seu carácter incomum de outras investigações, diz respeito à representação do psicólogo através de uma idealização/perfeição. Para a amostra presente, a prática profissional é consagrada através de um exercício exímio, não havendo espaço para erros. Deste modo, a exigência que as discentes possuíam de si sobre as suas práticas era elevada, provocando diversas inseguranças, medos e incertezas em conseguir acompanhar a representação por elas criada. Seria benéfico perguntarmo-nos de onde possa advir esta representação. Será da internet? Dos documentos abordados na Universidade? Será a ideia que as discentes vão partilhando entre si? Na minha perspectiva, as diferentes fontes que servem de guias para a prática profissional, onde espelham diálogos ou descrições do que acontece em consulta, fazem conter sempre profissionais perfeitos. Não existe descrição de falhas, ou não, pelo menos, nos mais comuns e lidos pelas alunas. Não existe um capítulo que explique o espaço da falha, do erro, das palavras menos corretas, mas sim de como se age sempre idilicamente. Quais as técnicas certas a usar. Como se deve comportar em determinados casos ou frente a específicas perturbações. Talvez pensar sobre como se age quando a técnica falha ou quando as palavras

usadas não foram bem introduzidas. Talvez devesse haver mais literatura para que o medo de errar seja cada vez mais pequeno.

Na chegada da prática profissional, enfrentaram diversos desafios que as colocaram à prova. Primeiramente, um confronto com as representações que o outro, enquanto paciente, possuíam da profissão de psicologia e de uma estagiária. Sentimentos de desvalorização não só pela prática profissional, mas pelo exercício de uma estagiária, provocando dificuldade no trabalho. Nesta linha, também o trabalho com equipas multidisciplinares acrescentou às discentes uma dificuldade no seu exercício profissional, e, pelo seu contrário, fontes de fortes aprendizagens. Além disso, refere-se ainda as condições físicas do local de estágio, onde as faltas de gabinetes impediam o curso de consultas. Por fim, a dificuldade em conciliar a exigência do estágio curricular com a realização de outras atividades: a escrita da dissertação e a atividade laboral de uma trabalhadora-estudante. Foi referido a dificuldade no cumprimento das datas previstas para a entrega da dissertação, enquanto se frequentava e trabalhava para o estágio curricular. Por outro lado, a gestão da atividade laboral em consonância com a prática do estágio, acarretou níveis de elevado stress e exaustão. Este tema veio de encontro ao mencionado pela teoria o que pode, por um lado, dirigir a uma discussão sobre a possibilidade de diminuição desses obstáculos nos discentes. Compreendendo a impossibilidade de os radicar por completo e a importância que estes também possuem no amadurecimento do sujeito, seria possível diminuir alguns deles em prol de experiências menos stressantes ou angustiantes?

Para fazer frente às dificuldades apresentadas, as discentes encontraram através da supervisão e da intervisão, recursos que lhes permitiram ultrapassar as dificuldades e aprenderem a lidarem com diversas fontes de stress no futuro. A supervisão é referida como uma fonte inigualável de suporte, onde há espaço para a discussão entre o supervisor e a aluna, assim como

a partilha de opiniões por parte de outras discentes. A partilha vem não só permitir à estudante explorar ideias que até então não lhe tinham surgido, como possibilitar o contacto com casos diferentes que não estão abrangidos no seu contexto de estágio. Uma amplificação de conhecimentos. Por outro lado, a intervenção, como um guia da prática profissional, que apresenta o contexto e insere a sua prática nas mais variadas áreas. Este subtema é deveras mencionado não só pela teoria como pela amostra presente no estudo. Tanto o orientador do local de estágio, como o orientador da Universidade representam para as discentes uma fonte de suporte e ligação entre a teoria e a prática insubstituível.

Importa ainda acrescentar fontes idiossincráticas encontradas pelas discentes. Desde a escrita de reflexões ou das suas práticas diárias, a leitura de livros de temáticas singulares ou autores de preferências específicos, a organização das consultas, o contacto com todos os profissionais do local de estágio, como a procura por um ombro amigo ou familiar, que os acolha e os faça acreditar em si e nas suas possibilidades. Estas estratégias são produto de características individuais das discentes podendo ser compreendidas como possíveis estratégias para futuros estagiários.

Por fim, os inúmeros ganhos associados ao estágio académico referidos pelas estagiárias. Primeiramente, o confronto com a realidade do exercício profissional, onde foi possível a desmistificação de inúmeras crenças e estigmas, permitindo através do contacto com a prática, a criação de uma nova perspetiva da profissão do psicólogo. Deste contacto advém igualmente um amadurecimento da profissional enquanto ser humano, onde crescem diversas competências pessoais, como a nível profissional, onde através do contacto com os pacientes que figuram as diversas temáticas estudadas, ou o contacto com diversos profissionais, crescem às estudantes, uma panóplia de estratégias mais abrangente. Nesta linha, o contacto com outros profissionais,

seja através da equipa onde se inserem – equipas multidisciplinares -, intervenção ou supervisão, detém-se igualmente como uma fonte promissora de conhecimento, reconhecendo a sua importância no seu crescimento enquanto profissional.

Deste modo, os resultados do presente estudo permite refletir sobre a realidade dos estagiários de mestrado de psicologia clínica, através das suas vivências. Esta reflexão pode levar a possíveis melhorias em anos futuros, permitindo a saída de profissionais cada vez mais capazes. Um ganho para todos. Noutra perspetiva, este estudo pode ser um guia de práticas que acalmem os corações apertados de futuros estagiários. Um desmistificar de práticas, assunções ou representações, que permitam aos discentes, que ainda não iniciaram os estágios curriculares, percorrer os primeiros dias de prática profissional mais calmos e através de experiências verídicas. Conhecer histórias reais, vivências e experiências, possibilitando um conhecimento fiel do que é ser estagiário de psicologia.

O número reduzido de elementos que compreendem a amostra considera-se como uma limitação. Abranger um número mais elevado de estagiários pode resultar em mais conhecimento e uma possibilidade de abrangência de mais pessoas, mais contextos, mais vivências. Deste modo, a homogeneidade da amostra é a limitação geral do presente estudo. Para além de todos os discentes serem do sexo feminino, todos eles frequentaram a mesma formação académica. Deste modo, para estudos futuros, igualar o número de estudantes do sexo feminino e masculino assim como abranger outras universidades pode ser considerado benéfico.

Referências

- Aguirre, A. M. B. (2000). A primeira experiência clínica do aluno: ansiedades e fantasias presentes no atendimento e na supervisão. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 2(1), 3-31.
- Aguirre, A. M. B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker, E., Carmo, H. M. S., & Santiago, M. D. E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. *Psicologia USP*, 11(1), 49-62.
- Andrade, C. S. M. L. D. (2016). *Vivências e percepções do estágio curricular em estudantes de psicologia da Universidade de Évora* (Master's thesis, Universidade de Évora).
- Araújo, L., & Boaz, C. (2013). Sentimentos sobre as primeiras práticas do estagiário na clínica. *Revista Psicologia em Foco*, 5(6), 40-47.
- Attride-Stirling, J. (2001). Thematic networks: an analytic tool for qualitative research. *Qualitative research*, 1(3), 385-405.
- Barbosa, F. D., Laurenti, M. A., & Silva, M. M. (2013). Significados do estágio em psicologia clínica: percepções do aluno. *Encontro: Revista de Psicologia*, 16(25), 31-53.
- Barletta, J. B., & Fonseca, A. L. B. (2012). A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. *Psicol. Teor. Prat.*, 14(3), 153-167
- Barreto, M. C., & Barletta, J. B. (2010). A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. *Cadernos de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde* 12(12-2010), 153-171.
- Bock, A. M. B. (1999). A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. *Estudos de Psicologia*, 4(2), 315-329.

- BORGES, M. P. A. (2007). *Professores: imagens e auto-imagens*; Tese de Doutorado em Administração Escolar, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
- Brasil, V., Felipe, C., Nora, M. M., & Favretto, R. (2012). Orientação profissional e planejamento de carreira para universitários. *Cadernos acadêmicos*, 4(1), 117-131.
- Caires, S., & Almeida, L. S. (2000). Os estágios na formação dos estudantes do ensino superior: tópicos para um debate em aberto. *Revista Portuguesa de Educação*, 13(2), 219-241.
- Campezzato, P. V. M., & Nunes, M. L. T. (2007). Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 376-388.
- Cella, M., & Sehnem, S. B. (2017). Percepção que os acadêmicos do curso de psicologia da unoesc possuem em relação ao estágio. *Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos*, 157-170.
- Ciampa, A. C. (1999). Identidade. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-77). São Paulo: Brasiliense.
- Espírito, Á. C. O., & de Castro, P. F. (2012). Reflexões sobre a formação da identidade profissional em psicologia. *Revista Educação-UNG-Ser*, 7(2), 40-55.
- Faria, E & de Souza, V. L. T. (2011). Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP, 15 (1), 35-42.
- Freitas, E. S., Figueiredo, R. & Barbosa, D. F. M. (2017). A atuação do aluno de psicologia no estágio de hospitalar. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 25(2), 45-50.
- Vasconcelos, H. S. (2017). Autoestima, autoimagem e constituição da identidade: um estudo com graduandos de psicologia. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 6(3), 195-206.

- Del Prette, G., Del Prette, Z. A. P., & Meyer, S. B. (2007). Psicoterapia com crianças ou adultos: expectativas e habilidades sociais de graduandos de psicologia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24, 305-314.
- Dieguez, A. (2019). O estágio em Psicologia na perspectiva do estagiário. *Caderno Temático do Estudante de Psicologia*, 1, 1-14.
- Dimenstein, M. (2000). A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 95-121.
- Diniz-Pereira, J. E. (2016). Lentes teóricas para o estudo da construção da identidade docente. *Educação em Perspectiva*, 7(1), 9-34.
- Fernandes, S. M. G. C. (2003). *Vivências e percepções do estágio pedagógico: a perspectiva dos estagiários da Universidade do Minho* (Doctoral dissertation, Universidade do Minho).
- Ferrarini, N. D. L., & Camargo, D. D. (2012). O sentido da psicologia e a formação do psicólogo: um estudo de caso. *Psicologia & Sociedade*, 24, 710-719.
- Fialho, J. (2017). A construção da identidade social e profissional através da ação das redes de sociabilidade laboral. *Revista Argumentos*, 14 (1), 138-162.
- Galindo, W. (2004). A construção da identidade profissional docente. *Psicologia ciência e profissão*, 24 (2), 14-23.
- Gauy, F. V., Fernandes, L. F. B., Silveiras, E. F. M., Marinho - Casanova, M. L., & Löhr, S. S. (2015). Perfil dos Supervisores de Psicologia em Serviços-Escola Brasileiros. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(2), 543–556.

- Gonçalves, M. (2004). Identidade e narrativa pessoal. In F. Teixeira. (Eds.), *Identidade pessoal caminhos e perspectivas* (pp.165-179). Coimbra: Quarteto.
- Haverkamp, B. E., Robertson, S. E., Cairns, S. L., & Bedi, R. P. (2011). Professional issues in Canadian counselling psychology: Identity, education, and professional practice. *Canadian Psychology/psychologie canadienne*, 52(4), 256.
- Krawulski, E. (2004). *Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as metamorfoses do caminho no exercício cotidiano do trabalho*. Tese de Doutorado, Programa de Pós- Graduação em Ergonomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Krawulski, E., & Patrício, Z. M. (2005). Porque pessoas escolhem a psicologia como profissão? In M. C. P. Lassance (Ed.), *Intervenção e compromisso social: Vol. 2. Orientação profissional: teoria e técnica* (pp. 323-336). São Paulo: Vetor.
- Kullasepp, K. (2006). Becoming professional: External and intrapsychological level in the service of professional identity construction of psychology students. *European Journal of School Psychology*, 4 (2), 335-345.
- Kullasepp, K. (2006). Identity construction of psychology students: Professional role in the making. *European Journal of School Psychology*, 4 (2), 249-280.
- Magalhães, M. O. (2001). “Eu quero ajudar as pessoas”: a escolha vocacional da psicologia. In Associação Brasileira de Orientação Profissional (Ed.), *Anais do Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*, 4 (p. 189). São Paulo: ABOP.
- Mele, E., Español, A., Carvalho, B., & Marsico, G. (2021). Beyond technical learning: Internship as a liminal zone on the way to become a psychologist. *Learning, Culture and Social Interaction*, 28, 100487.

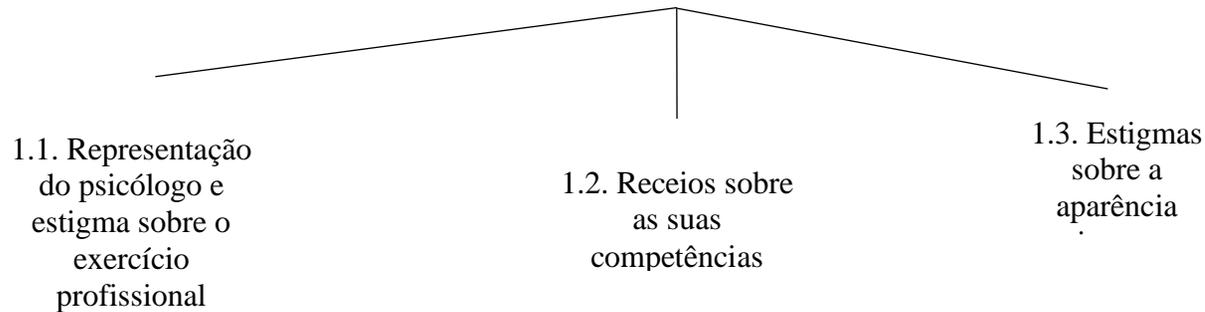
- Monteiro, R. M. (2010). *Vivências e percepções de Estágio em Psicologia: estudo comparativo entre estagiários da Universidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.
- Nascimento, I., Ferreira, S., & Rodrigues, P. (2019). Keep on Going: Apoio à escolha estratégica do estágio curricular. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 20(1), 57-66.
- Oliveira-Monteiro, N. R. D., & Nunes, M. L. T. (2008). Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado?. *Psico-USF*, 13, 287-296.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2020). *Recomendações para a prática da Supervisão e Intervisão em psicologia: Cuidados Paliativos*.
<https://www.ordemdospsicologos.pt/pt/noticia/3107>
- Paparelli, R. B., & Nogueira-Martins, M. C. F. (2007). Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicologia: ciência e profissão*, 27, 64-79.
- Rudnicki, T., & Carlotto, M. S. (2007). Formação de estudante da área da saúde: reflexões sobre a prática de estágio. *Revista da SBPH*, 10(1), 97-110.
- Santos, Aline Carla dos & Nóbrega, Danielle Oliveira da (2017). *Dores e Delícias em ser Estagiária: o Estágio na Formação em Psicologia*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 515-528
- Santos, C. (2005). A construção social do conceito de identidade profissional. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*, (8), 123-144.
- Santos, M. A. G. D. (2013). *Identidade profissional dos psicólogos clínicos portugueses: a percepção da eficácia no processo de construção identitário* (Master's thesis, Universidade de Évora).
- Schultz, V., & Cruz, R. M. (2009). Avaliação de competências profissionais e formação de psicólogos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(3), 117-127.

- Scorsolini-Comin, F., Souza, L. V., & Santos, M. A. dos. (2008). Tornar-se psicólogo: experiência de estágio de psico-oncologia em equipe multiprofissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(2), 113-126.
- Simons, L., Fehr, L., Blank, N., Connell, H., Georganas, D., Fernandez, D., & Peterson, V. (2012). Lessons Learned from Experiential Learning: What Do Students Learn from a Practicum/Internship?. *International Journal of Teaching and Learning in Higher Education*, 24(3), 325-334.
- Soczka, L. (1988). Representações sociais, relações intergrupos e identidades profissionais dos psicólogos. *Psicologia*, 6(2), 253–276.
- Sunday, A. (2021). Shaping professional identity: a descriptive qualitative study on Health and Rehabilitation final year students in higher education. *South African Journal of Occupational Therapy*, 51(2), 49-54.
- Teixeira, F. (2004). Identidade pessoal e experiência humana. In F. Teixeira (Eds.), *Identidade pessoal caminhos e perspectivas* (pp.9-27). Coimbra: Quarteto.
- Vasco, A., Santos, O., & Silva, F. (2003). Psicoterapia sim!: Eficácia, efetividade e psicoterapeutas (em Portugal). Artigo apresentado na conferência no âmbito dos “encontros com a psicologia”, Lisboa.
- Vozniak, L., Mesquita, I., & Batista, P. F. (2016). A Identidade Profissional em análise: um estudo de revisão sistemática da literatura. *Educação*, 41(2), 281-296.

ANEXOS

Anexo A. Mapas

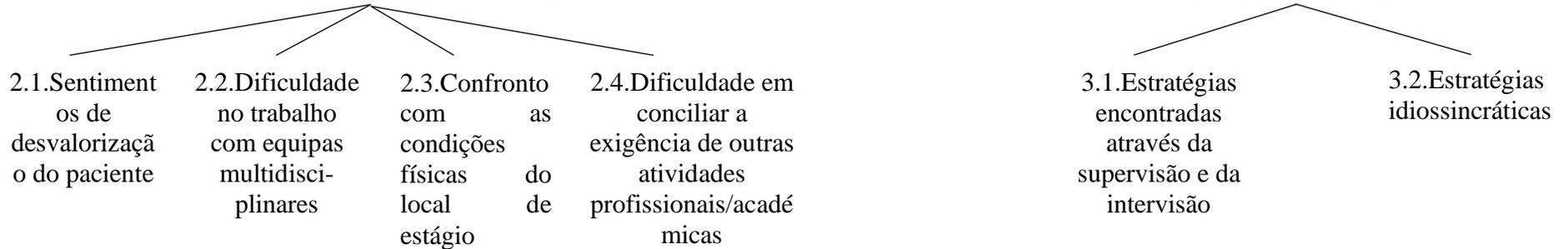
1. Preocupações/Expetativas perante o contacto com o estágio antes de ser estagiário



2. Dificuldades vividas durante o estágio



3. Aquisição de estratégias



3.1. Estratégias encontradas através da supervisão e da intervenção

3.2. Estratégias idiossincráticas

4. Ganhos resultantes do estágio

4.1.
Estágio como fonte de desenvolvimento de competências profissionais

4.2 Estágio como fonte de aprendizagem em equipas multidisciplinares

4.3. Compreensão da importância da Supervisão e Intervisão

4.4.
Desenvolvimento de competências pessoais

4.4. Estágio como espaço de confronto com a realidade do exercício profissional

Anexo B. Guião de Entrevista

Questão 1: Quais eram as suas expetativas sobre ser psicólogo antes do estágio?

Questão 2: Como é que o estágio contribui para a sua representação da profissão do psicólogo?

Questão 3: Como é que se percebia antes do estágio enquanto psicólogo?

Questão 4: Como é que se percebe depois do estágio enquanto psicólogo?

Questão 5: Como é que o estágio contribui para a sua formação enquanto psicólogo?

Questão 6: Como é que percebe a sua vivência do estágio?

Consentimento informado

No âmbito da colaboração na investigação de mestrado sobre Identidade Profissional dos estagiários de Psicologia Clínica, declaro que autorizo unicamente para o efeito, a gravação de voz da entrevista que vou ceder à investigadora.

Estagiário(a)

Investigador(a)

Andreia Gaspar

Anexo D. Tabela 1

Códigos	Extratos	Temas básicos
<p>-Idealizações/especulações sobre o estágio -Idealizações sobre si enquanto profissional -Dificuldades físicas no local de estágio -Confronto com as assunções do outro -Confronto entre a teoria e a prática -Confronto entre a idealização e a realidade -Sobcarga emocional -Dificuldade na gestão de tempo de outras atividades -Dificuldade na gestão de emoções -Dificuldade no trabalho com equipas multidisciplinares -Receios sobre a sua capacidade de exercício profissional -Estigma sobre a aparência jovem</p>	<p>Querer fazer o que ensinaram Receio porque não se tinha feito nada daquilo Receio de não conseguir libertar Desvalorizava-me e ao que fazíamos Pensei que não era boa nisto Dificuldade na separação do nível pessoal e profissional Sentia que estava a falhar com o paciente Dúvidas sobre a habilidade de ajuda psicológica Dúvidas sobre como aplicar a teoria no terreno Dificuldade no trabalho com equipas multidisciplinares Muita matéria na cabeça Visão teórica das perturbações Confronto com áreas profissionais particularmente difíceis Sentir que não se está a fazer o suficiente Frustração na falta de progresso Dificuldade com o conciliar com outras dimensões da vida Indisponibilidade de gabinetes Antagonismo entre psicólogos e psiquiatras Trabalhar com opiniões divergentes</p>	<p>1.Receios sobre a sua capacidade profissional 2. Estigmas sobre a aparência jovem 3. Estigmas e idealizações sobre o exercício profissional 4. Confronto com os estigmas do outro sobre si e sobre a profissão 5.Confronto com as condições físicas do estágio 6. Dificuldade no trabalho com equipas multidisciplinares 7. Dificuldade na gestão de outras áreas profissionais/académicas 8. Confronto com os estigmas do outro 9. Confronto entre a idealização e a realidade</p>

	<p>Sentia-me completamente insegura Tinha um ar muito jovem Associavam a juventude à inexperiência Pressão no estágio porque tinha a dissertação para entregar Chorava bastante Deu-me um ataque de ansiedade Tive um esgotamento Inexperiência</p>	
<p>-Estratégias encontradas de forma pessoal com a prática profissional -Estratégias encontradas de forma pessoal fora do tempo de estágio -Estratégias encontradas na permuta de conhecimentos com profissionais do estágio curricular -Estratégias encontradas na permuta de conhecimentos com profissionais ou colegas da universidade</p>	<p>Comunicar com a minha tutora Investigava mais Li muito Ler um livro que aprecie Atividades sociais Chegar a casa e pensar no dia Momento de reflexão pessoal Olhar sempre para o momento presente Desabafava com a minha tutora Desabafava com a família e amigos Pensar racionalmente Fazer-se à vida Aconselhava-me com a minha orientadora Organizava o meu dia Conhecer todas as pessoas na instituição Fazer as transcrições das consultas</p>	<p>10. Estratégias encontradas com aconselhamento profissional e permuta de conhecimentos 11. Estratégias idiossincráticas</p>
<p>-Aquisição de competências sobre a prática profissional -Desmistificação de crenças sobre o ser humano -Desmistificação do exercício profissional</p>	<p>Perceber o que é isto da psicologia Perceber se era isto que queria Colocou a refletir quem sou Perceber que não era como nos livros</p>	<p>11. Estágio como produto de aquisição de competências pessoais 12. Estágio como fonte de encontro de estratégias para o futuro</p>

<ul style="list-style-type: none"> - Confronto com diferentes desafios -Experiência sobre si enquanto profissional -Compreensão da prática -Aumento de conhecimentos sobre a teoria -Aprendizagem sobre o trabalho em equipas multidisciplinares -Aumento de conhecimento sobre si -Consolidação de conhecimentos -Partilha sobre o exercício profissional através do contacto com diferentes profissionais - Contacto com diferentes modelos teóricos 	<p>Cresci na forma como vejo as pessoas Dissolver dúvidas Desenvolver habilidades Compreendi a dificuldade da área Compreensão que ainda há muito para aprender Importância da atualização Descobrir competências que já possuía Importância do trabalho em equipas multidisciplinares Ajudou a tornar-me menos mecanizada Ganho de resistência Consolidação de conhecimentos Confronto com modelos teóricos diferentes Aprender a trabalhar no contexto Perceber a importância do equilíbrio profissional Muito mais crescida profissionalmente Consolida ideias Sinto-me mais segura da prática Cresci na forma como vejo as pessoas Aquisição de conhecimentos Abrir perspetivas Contacto com outros profissionais Descobrir novas vertentes pessoais Ganho de resistência Desenvolver competências de elaboração e reflexão</p>	<p>13. Estágio como espaço de confronto com os estigmas e assunções 14. Estágio como espaço de confronto com a realidade do exercício profissional 15.Estágio como fonte de aprendizagem em equipas multidisciplinares</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Espaço para partilha de dificuldades e perspetivas - Espaço de reflexão e discussão sobre a prática e sobre si 	<p>Perceber que posso falhar Saber que tenho alguém para me ajudar As transcrições das sessões eram um bom exercício</p>	<p>16.Supervisão, como um elemento de elaboração, reflexão e contenção das emoções e da prática profissional</p>

<ul style="list-style-type: none"> - Espaço de contenção das emoções - Orientação, suporte, e partilha das atividades realizadas no estágio - Espaço de partilha de estratégias para enfrentar as dificuldades 	<p>Aconselhava-me para poder melhorar Comunicava as minhas dificuldades Desabafava com a minha tutora Ajudou-me a perceber como era estar no mundo do trabalho Aquilo dava-me vontade de trabalhar É uma segurança Pensar sobre o outro, a consulta e sobre nós Lufada de ar fresco A opinião de outras colegas Ler fez-me desbloquear Perceber se estamos a conduzir as nossas práticas segundo o rigor ético</p>	<p>17. Supervisão, um elemento que permite a atividade do estagiário segundo o rigor ético 18. Intervisão, fonte de suporte e guia da prática profissional</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Psicólogo como profissional perfeito e idealizado - Psicólogo como profissional impessoal - Profissional promotor de bem-estar no outro - Profissional que gere o seu conflito com a área pessoal - Profissional com competências para a compreensão da totalidade da problemática do paciente - Profissional com acesso a poucos recursos - Psicólogo com competências relacionais - Profissional que promove a comunicação entre profissionais 	<p>Estar com a pessoa Através do poder transformador da relação poder ir explorando a vida Poder mudar coisas menos funcionais Ajudar pessoas Aplicar a teoria Ir renovando o conhecimento Prestar auxílio à pessoa Procura compreender a totalidade Atenuar sempre a problemática Pessoa que ouve, faz escuta ativa Alguém distante Dava sempre a resposta certa Pessoa que não falha Consegue das soluções às pessoas É preciso muita teoria para ser um bom psicólogo</p>	<p>19. Profissional idealizado e perfeito 20. Profissional como agente de promoção de bem-estar no paciente e na equipa 21. Importância da dimensão pessoal no exercício profissional 22. Dilemas entre a quantidade de casos e a qualidade 23. Profissional que exerce a profissão através do acesso a poucos recursos</p>

	<p> Profissional com multidiscplinariedade Perceber que posso falhar Foi um confronto duro Fazer muito com pouco Nível pessoal tende a envolver-se Ajuda na prática em equipas multidisciplinares Tem uma compreensão geral sobre o funcionamento humano Compreende com outra sensibilidade a outra pessoa Competências relacionais, a nível da comunicação Atende o outro Recolhe necessidades Trabalhar para além das consultas Trabalhar com várias áreas e equipas Muito mais ser humano O psicólogo vai se moldando às diferentes pessoas Nem sempre consegue ajudar certas pessoas Promover a saúde mental Compreensão da escassez de recursos Impotência dos psicólogos Compaixão pelo sofrimento humano Desenvolvi muito a minha comunicação com os outros e a com a equipa Desenvolvimento de independência </p>	
--	--	--